

JOSÉ MARIA ALVES

www.homeoesp.org

www.josemariaalves.blogspot.com

POESIA ALLA PRIMA

INSTANTES I

Chamo-lhe *Instantes* porque não sei que lhes hei-de eu chamar. Instantes, porque são realmente instantes, evocações conscientes, reais ou inconscientes, ilusórias do "agora", sem correcções de monta, preocupações estéticas, tentativa de agradar ou desejo de prestígio. Escassos segundos ou minutos de escrita inglória, bastas vezes "experimental".

Poesia Alla Prima: depressa e bem duas vezes bem. Depressa, sim, mas o bem... Enfim.

Poucos os irão ler. Mas, que me importa? Que importância terá tal facto neste preciso momento ou decorridos que estejam quarenta ou cinquenta anos? No *dilúvio final*? – A mesma dos *Instantes* ou do passado: nenhuma.

E se nem um único leitor tiver? Melhor exemplo que o meu não encontro, já que também eu raramente os leio depois de os escrever, realizando esporádicos e inoportunos "aperfeiçoamentos".

Eles são o presente em imersão constante no passado e o passado deve morrer para que o novo nasça constantemente. Também eles devem morrer.

Junho de 2010

De Ti venho
Para Ti vou
És Tu que eu sou

A ribeira da minha aldeia
Seca no Verão

Sinto a água corrente
Vejo-a brilhar ao Sol

Pura ilusão
De quem ver quer
O que não pode ter

Oh um Louva-a-deus –
Se o meu louvor

Fosse como o teu

Não te possuo quando te quero ter
Nem depois de te ter tido
Ou enquanto em vão te tenho
Tenho-te quando não te quero
Ou pouco me importa ter-te

Sabe-me a mundo
O rumor da água da ribeira

Contínua
A saltar de alma em alma

Tão verdadeira
Tão real

Que de a ver
Julgo ver a Terra inteira

Na sombra da noite
Um Grande-pavão nocturno –
A criança diz que é um morcego

Ontem choveu

Hoje o Sol doira o Outono

De novo em viagem
Enquanto meu amigo
Se quedou suplicante
Num latir rouco
De saudade declarada

Canta Cigarra canta
Teu cantar
É a essência
A justa medida
Do amar

D´Aquilo
Não digo sim nem não
Nada afirmo
Ou contradigo

Não me atenho à aparência

Respondo com o silêncio
E um dedo
Apontando o caminho
Sem realidade e existência

Água pura
Na levada –
Lava-me a alma

Um cigarro
E o seu fumo
Na mente ausente

A solidão
Desafia-me
A estar só

É bela a sombra –
Aponta sempre
O trilho da luz

Apesar de viver querer
Se antes de mim morreres
Pergunta à Senhora Morte
Se podes transportar contigo
Um velho amigo

Uma nuvem negra no céu –
A sua água é tão pura
Como a de outra qualquer

As flores do jardim
Primorosamente cuidadas

Todas as suas vontades
Realizadas

Sucumbirão
À primeira tormenta

Porque guardas tu
Os meus espinhos
Ouriço-cacheiro?

As coisas não são mais que coisas
Aqueles que vejo

Ou me contam de ter visto
E imagino como são

E vejo por outrem ou mesmo por mim
No Lago da Eternidade

Onde estão todas menos eu
Que se de coisa me revisto

Pertencendo ao imaginário que é teu
É porque se no que existo

Sinto em ti o que é meu e
Em mim o que é teu

Que restará de mim
Para além de minúsculas partículas
Espalhadas sobre o solo violado?

O gato espreita a toca
Impávido tal estátua

Aguarda o rato

Para quem espera
Tudo tem o seu tempo

Sozinho no quarto
A lareira acesa –
Lá fora um frio álgido

Eu e
A dança das labaredas

Música celta –
Lá fora um vento gelado

Abelha negro-brilhante
Abelhão-preto
De pata felpuda

Asa castanho purpúrea
Abelhão-preto
Voa voa

Um homem com gripe
E uma carpideira –
Não vislumbro diferença

A árvore é fustigada
Por ventos violentos
Da montanha agreste –
Sobreviverá

Frio lá fora

Leve película de neve
Cobre o jardim
Afaga o pelo do Crestelo

No recolhimento da vidraça
Cresço por dentro
Tal erva da calçada
Queimada pela geada

Formiga preta
Do bosque
Não te aventures na vinha

Obreira de dura carga
Tua rainha te aguarda

Esta ferida que sangra
Ninguém o sangue estanca

Neste meu ferimento
Não pode haver lamento

Nasço de mim
Para mim

Com que suavidade
Sobe o papagaio

Empurrado pelo vento
De modo tão lento

Como anjo colorido
Nas asas das nuvens

Criança
Deixa-me subir contigo
No sonho do teu olhar

Ouve Pirlampo de clarão verde –
A tua luz
De eterno viajante
Basta para me alumiar a noite
E pôr a alma incandescente

A revolução
Dum povo ignorante –
Corrupção compadrio
Hipocrisia anarquia

Povo morto em vida

Não há verdade oculta
A única verdade
É não haver verdade nenhuma

Alma que se consome nas delícias do Amor
Carne rasgada pela vibração dos sentidos –
Alma sem pecado

Corro atrás do vento –
De quando em vez agarro-o
De vez em quando cavalgo-o

São dores que sinto
Trémulo e melancólico
Sem saber o que faço
O que quero
Apenas mudar

Ser
Ser como quem vive
Viver como quem é
Amar sem saber
Morrer como quem nasce

Gente ingrata
E maledicente –
Não é este o meu povo

Amo
Como ama o Amor
Amo por amar
E quando repousar
Quero repousar no Amor

Sol nascente
Não há chegada

Nem no Poente
Há partida

Apenas eterna estada

Num mundo de vime

De novo em viagem
A carruagem 81 de sempre
E o mesmo som das rodas
A trilhar os carris

Tejo e céu cinzentos
Em oração silenciosa

Cheguei por vereda obscura
Regressarei a não-sei-onde e
O preço da viagem
Não sei nem saberei

Sonho de Verão –
Num dia gelado
Mãos velhas por aquecer

Aquela mulher
Chora sem chorar
Grita sem gritar
E pede a Deus a morte

Onde está seu filho morto?

O menino que Deus lhe deu
Jaz desfeito no Ultramar

Dia de Inverno
Sol de Primavera

Nu no terraço

Lá dentro
Na sombra da paz
O *Peste* dormita
De olhos abertos

Mundo belo
E sofrido –
Das mãos do ladrão de rosas
Esvai-se a felicidade

Do lado de lá das portadas
Os meus sonhos desfeitos
Desfilam em cortejo fúnebre

Que me importa a sua morte
Que já não sonhe
Eu que apenas vivo

A loucura é vantagem
De quem não sabe o que sabe
Nem sabe que não conhece
O que conhece e sabe

Uma abelha no tanque
Debate-se na direcção da margem –
Onde aprendeu ela a nadar?

Mesmo doente

A falta do corpo
De mulher –
Que vício
É o *amar*

Apenas cinco minutos
De dia cinco
Do quinto mês
Do nono ano

Sede de Infinito

Ouve Escorpião
De veneno letal

Vai e volta pequeno animal
Não te rodearei de fogo
Serei tua fiança

Vai e vive
Vai e volta

Chuva de Primavera

A taça transborda
E a minha vontade
Fraca e lassa
Não a esvazia

Não me concede
A liberdade do vazio

Uma gripe
Que incómodo

Quem me manda pensar nisso?

Choramingas

Poeta do instante

Do momento

Do tempo sem tempo

Do vazio

Mas

Doem-me as pernas

Toupeira-cega dos túneis
Alheia ao mal dos homens –
Quem me dera ser como tu

Lareira de Primavera
E o som de Bach
A envolver as chamas

Na tarde fria
Quem me dera

Ora
Quem me dera
Que me fizessem suar

Junto ao ribeiro
Um jovem Agno-casto
Com ramos branco-aveludados

Acaricio-o

Inclino-me sobre as flores lilás-pálido
De odor adocicado

A água corre
Num leito de algodão
Cada vez mais estreito
E o meu desejo desvanece-se
Casto
Puro e casto

Quem mata o que me mata
Quem mata o medo da morte
Senão a própria Morte?

Ensina-me amigo
De longas noites de invernia
A viver o instante

Ensina-me amigo
A ser como tu
Nessa tua Paz
Que sendo tua
Também é minha

Que dor esta

No coração em lágrimas –
Partiste sem nada dizer

Lume da lareira
Sua beleza
É luz e som

A luz da extinção
E o som crepitante
De velhos
E generosos paus

Um Serzino canta
Num poste de electricidade

Uma tulpipa-brava
Está atenta à sua ária

Vem até ao solo
Coberto de alimento

E volta ao céu
A cantar

O som da flauta
Parece longínquo –

Tal é o infinito

Que sono

Não quero
Nem posso dormir

Poderei eu prescindir
Desta Paz?

Loja da Burra -
No silêncio da noite escura
A Paz dos céus
No espírito em quietude

Ó Corvo de bico amarelo
Que te faz aproximar?

Vai
Hoje não tenho nada para te dar

É esta dor
Este ferimento
Que me faz conceber

Não coisas nuas e novas

Mas a mim
O meu ser
Eu mesmo
Em cada momento

Sexta-feira Santa
Que frio –
O frio da morte de Cristo

As cerejas amadurecem -
Cada uma pende da cerejeira
Pelo seu próprio pé

Um insulto recusado
retorna ao doador
Como a flecha ao atirador

A avó

Brinca com a neta
No quintal

Ela

Que personifica
O amor gratuito

Duas vezes mãe

A sombra persegue-me

De costas para o Sol
Um espinho cravado na carne velha de pus

Num qualquer lugar
Eu intuo sinto e sei
Brilha a luz

Árvore derrubada
Não chores

Eu sei
Sei que o machado de ferro

Tem o cabo
De tua carne feito

A vontade e a paciência
O longe que é perto
E a paz que se alcança na escuridão

Só é feliz quem em si tem a paciência

A paciência sem esforço das noites de invernia

Paciência para tudo
Paciência para nada

Perdiz e perdigotos
No caminho em procissão
Obrigam-me a parar

Perco-te com dor
Mas perco-te
Como quem ama uma virgem
Sem ousar tocar-lhe

E se tudo pareço ter perdido
Digo-te
Resta-me a solidão da Coragem
E do Amor

Chuva de Verão

Alegria dos cachos
Pendientes

Tristeza do meu coração
Indiferente

Gostaria que minha última morada
Fosse no cemitério da aldeia
Junto dos homens de outrora

Arrepio-me –
Não me vão sepultar
Junto dos de agora

A vida
Como a estrela da manhã

Contudo -
A noite

Moscas
Voam na cabana de meu amigo

Que incómodo
Para ele

Mais ainda
Para mim

Oh um Camaleão imóvel
Está a mudar de cor –
Primeiro-ministro

Serei eu sempre o eterno viajante

Quando chego
Quero partir

Quando parto
Quero chegar

E se chego
Voltar

Ora –
Raios me partam
Deixai-me estar

Não há mal que me possa acontecer
Que mal pior do que um eterno
Anoitecer do amor que mal mais
Atroz que a ausência do amar e a
Feroz investida do ódio e ganância

Onde estás tu
Ó Primavera?

Por onde andas
Tu tempo de flor
Tempo de paz
E de amor?

Não foi Ele
Que cerrou o trinco da porta

Fomos nós
Que cerrámos o portal
Dos sentidos

Que angústia é esta que me domina
Que sopro de ânsia me consome

Que saudade me envolve
Que tristeza me contamina

Neste quarto de invernia é ausência que sinto
Do cheiro da urze e da visão do cume

Lar sem tecto
Flores ao orvalho –
Coração atormentado

Um novo dia floresce
Um amor termina
E uma nova árvore de liberdade
Sem raízes ou apegos
Em mim cresce

Na parede velha da casa
Segurando-a
Uma Osga –
Livra-me das melgas

O coração iluminou-se
Abriram-se os portais da origem
Secaram as lágrimas

Na mente virgem

Como é que te posso
Amar apenas a ti

O meu amor não tem senhor
Ou administrador

É gratuito
Indiscriminado

Vinho derramado
Sobre a vida

Indecisão -
Fim de tudo
Princípio do nada

Vê o pássaro que voa
Em círculos rápidos e perfeitos

Em si
Morto o passado

A lembrança

Retorna ao voo
Novo e inocente
Como a mente de uma criança

Vim do Nada
Vou para o Nada

Quero Tudo
Quero Tudo

A pedra grande da colina
Junto da levada
Dorava ao Sol
Sem lembrar
Que dia após dia ano após ano
O mesmo Sol a dorava

Abençoada

Noite escura na colina

Não a temo ou esconjuro
Basta-me uma vela
Para as letras grandes do livro

Acendo-a e não vejo as estrelas
Mas não é noite é dia
Apago-a e vejo

E vivo

Os pensamentos persistem
Na nau lotada

Sucedem-se e subsistem
Em perpétua afronta
Ao universo inocente

Uma borboleta esvoaça
Ao vento forte

Exausta poisa na proa
Lança aguçada rumo ao Norte

Logo parte

Antes a liberdade
À segurança

Um rio que corre sem margens
Flores que não florescem –
Eis o Barqueiro da Morte

A pomba poisou no muro –
Olhou-me
Sorriu
E partiu

Dor sem fim
Dor gélida

Por quanto tempo
Esta saudade?

Haverá quem a transforme
Em amor
E não podendo ser
Em amizade?

Pássaros chilreiam no teu quintal
Na eira nos juncos da ribeira

E eu não sei
Se fico surdo cego mudo
Como antes de minha mãe
Me entregar ao mundo
Quando apenas quero
A vida que um animal tem

Geadas
Campos brancos

A dor de uma alma angustiada
Nos botões da cerejeira por florir

Lince-ibérico
Há horas que o persigo
É lusitano
Mesmo que o encontre
De nada me irá adiantar

Injuriado vilipendiado
O desdém da ingratidão

O silêncio –
O doado retorna ao doador

É aparente a união
É invisível o Vazio –
Sou arrastado pelo vento

Uma nuvem negra
No alto do mastro

A sua água é pura
Verdadeira
Transparente fresca
Imaculada

Inocente e cristalina
Como brincadeira de criança

Uma Geneta –

Não é o que pensas
É civeta nocturna

Desaparecido o passado fica
O presente

Desaparecido o presente resta
O Agora-Sem-Tempo

O Nada que tudo agrega
Que a nada se apega

A beleza do céu azul
É a beleza da cor –
Incontornável

Outono –
Silvas crescem para dentro
Como eu para o meu interior

O Sol queima-me o corpo
Mas quero-o

Tanto como o sofrimento que me atormenta
E os ténues momentos de repouso

No espaço lento dos dias

É um privilégio ter vivido
Uma vida de padecimento

A Borboleta-pavão
Sai da vinha e
Voa no candeeiro do jardim –
Voa como se desse a volta ao mundo

Na Primavera
A percepção
Mais perfeita
Mais nítida
Amplia-se ao exterior
Às pétalas incólumes
E rosadas
Da flor de um só dia

Primavera –
Morro em mim

Morre o eu
Renasço noutros

Em cada um
Um pedaço meu

No penedo de Gibraltar
Um macaco

Macaco-de-Gibraltar

Olhamo-nos imóveis
Cada um
Querendo saber
Quem o outro é

Segundos que parecem eternidade
Nos olhos luzidios da curiosidade

Somos irmãos

Exijo e não amo
Amo como o amor ama

Repouso no amor liberto e nascente
Amo por amar

Nada mais posso dizer
Nada mais para te dar

Sete vezes caí
Sete vezes me levantei

Errei fazendo bem
Acertei fazendo mal

E à oitava me quedei
Nem bem nem mal

Ele tudo é
Eu sou Ele o tudo em Tudo

Quem sou eu
Quem és Tu
Se Tu és eu
E eu sou Tu?

Trago comigo um bloco
Onde anoto
O que vejo e sinto

Momento a momento
Hora a hora
O Eterno-Agora

Antes o deitasse fora

Não Te conheço mas
Tenho saudades –
Tenho saudades de Ti

Noites inteiras esquecido de mim

Noites sem fim a sofrer o sofrimento alheio

Noites que despertam o árido deserto da Morte

Sento-me na enxerga
Cabeça apoiada nas mãos dolentes

Aguardo entorpecido

Enquanto espero
Pôs-se a Lua
Nasceu o Sol
E hoje Tu já não vens

O meu velho cão
Ouve o cantar da terra profunda

Sabe como quem sente
Que em breve cantará com ela

Melodia de lágrimas
Contraponto de nossa melancolia

Flocos de neve
Vestem a impiedade
Que ofendeu o teu santo corpo

Eu estou aqui
Imóvel –
A neve também

E tu onde estás?

Poucos lêem poemas
Poucos são os poemas que se lêem

Poemas extensos ninguém os lê
E para quê lê-los se só o autor sabe o que dizem quando
sabe?

Decidi desfazer os meus em pedaços
Fragmentos de uma nova existência

Quem quiser se quiser cole-os
Faça-se realidade na realidade que eu já não reconheço

A sua
O seu poema
Que sendo mau
Não é meu
É seu

A noite cai
Há um silêncio devastador
Eu não penso

O vento sussurra nas folhas
As trevas iluminam-se
O vazio enche-se de deuses

A ansiedade amaina
Da inquietude nasce a paz

No suave ronronar das águas do rio

Uma ave pia
Tudo pára
Ao encanto da sua voz

Adormeço

O dia
Parece não ter fim

Se todos fossem assim
Seria mais feliz

Milhares de vivos passam
Carregando afazeres

Todos sabem que vão morrer
Quantos o sentem?

Na estrada deserta
Um louco vendia verdades

O Sol enlouqueceu
A Lua de amor –
Suor de Primavera

Cristo não morreu -
Morre todos os dias
Na carne dos pobres

Um sem-abrigo
Rói as unhas –
Que mais tem ele para comer?

Uma prostituta na noite negra
Desce a avenida

Um mendigo aconchega-se
Nos cartões do banco verde

Um bêbado vomita bÍlis
E cambaleia a sorrir

Um homem foge do medo
Com a mão no peito

Um padre passa em corrida cega

No dia de finados
A morte de sua amada

Para memorar a morte
No dia de sua lembrança

Viu-a o desgraçado descer à cova
Serenos de lágrimas

Morreu também o amado
Que na amada vivia mais que em si

No mesmo coval relvado
Foi sepultado em alba fria

Ovelhas no lameiro
Sem pastor –
As muralhas do ego derrubadas

Uma barata-tonta
De fato e gravata –
Director-menino-da-mamã

Um cego na vereda
Outro cego conduz –
Espelho do mundo

Olha criança
O papão da gentalha –
Espantalho no parlamento

Tal como a Ulisses
Meu velho cão

Aguardou por mim
Para morrer

Ó Peste
Como te hei-de eu esquecer?

Serras Mar Estrelas
Ventos Sol e Luar
Derramam Amor

Doce
E
Forte

Forte
Como
A Morte

O vento sopra para Norte
O meu caminho é Sul

Mas

Amigo
Vou contigo

Se a minha mente fosse um espelho
Nada me atormentaria

Aceitaria sem conservar
Seria perfeito
Na paz da quietude
No vazio da plenitude

Nem telha
Nem terra
Nem alma
Nem nada

Na taça cheia
Não sobra lugar –
Mente encharcada

Sozinho
Me deito

Sozinho
Me divirto

Sozinho

Acompanhado

Por uma taça de vinho

Jesus disse –
Mais nada vos digo
Ó adúlteros

Eu sou o meu Mestre –
O meu coração é o da pomba
O meu espírito o da serpente
E a minha atenção constante

O ladrão nada deixou

Apenas a valiosa Lua
Que o monge lhe quis dar
E que tolo rejeitou

O Amor não se disfarça
Quem ama nada teme –
Vem a mim

Aquela adúltera apedrejada
Que na sua compaixão
Salvou o cão vadio da morte
Residirá no paraíso

A de negro-justiça
Que o abandonou
Morrerá

Aqui
Estou aqui
Apenas aqui

E a neve cai

Porque carrego eu o fardo do desejo e da volúpia?
Porque não morro para o passado?
Porque não morro?

O destino
É uma moeda
De duas caras
Como tu
Como eu

O meu testamento
Nada tem de extenso –
A vida é um sonho

O galo já canta –
Lá fora o breu da noite
Cá dentro o vento frio da alma

Levantou-se o Sol
No teu regaço

O orvalho brilha
No ninho das aves

E meu rosto doirado
Resplandece no terreiro

DUMA ORAÇÃO POPULAR

Nesta hora de angústia
Virgem Maria
Minha guia
Vosso manto visto

Vós sois meu escudo
Vós sois minha espada

Se alguém mal me quer
Se tiver pernas não ande

Se tiver braços
Não desande

Se tiver boca
Mudo fique

Se ouvidos tiver
Surdo seja

Se dos olhos vir
Cego me não veja

Porque vós Virgem Santa
Luz da Luz
Minha madrinha sois
Para sempre amém Jesus

Forte corrente arrasta a barca

Quem auxiliará o Barqueiro
A chegar à margem?

Sou a gota
Que dia a dia se derrama
No oceano da Vida

O feitiço
Foi-me lançado

Deslumbrado por brinquedos fúteis
Bens perecíveis
Sombras da riqueza e ostentação

A feiticeira

Venceu-me

Preso às coisas do mundo
Até quando?

Casam-se
Prazer
E
Alegria

O azar
Com
A sorte

Lágrimas
Com
Sorriso

Porque não casar
Vida e Morte?

Hoje o poente
É uma atmosfera de Turner

Vermelho-rosado de vigor
Cinzento-marfim tormentoso

A tua morte

O vazio da tua presença
Na esplanada deserta
Fazem-me reflectir –
Que busco eu afinal?

Numa fogueira
De velhos galhos adormecidos
Queimou todos os livros sagrados

Cremou
Todas as religiões
Todas as ideologias

Das cinzas
Nasceu o
Salvador

Que em novo lume
Lhe queimou o *ego*
Derrubou todas as muralhas

E daí
Nasceu o Amor

Há um sudário no Céu
Há um sudário na Terra
E um Homem que nunca repousou

Morrer
Talvez
Antes morrer

Do que viver
Eternamente
A sofrer a cruz

Na Babilónia
Chorámos sentados
O navio afundado

Vinte anos
Argos penou
Vinte anos derramou sofrimento

Ulisses o feroz
Chorou
De Emeu escondendo as lágrimas

Assim o fiz também eu

O Outono já veio –
Nos ramos nus
Tremem as aves

Tenho pena
Do tormento
Da luz do perdão

Há estrelas no lago
E no caminho
A poeira acorda

Como um espantalho
Da amada ouço as palavras –
Espanto-me e afasto-me

Posso confiar em alguém?

A vida é borrasca negra

De temporal desfeito

Não confio em ninguém

Agora sei –
Para sempre só
Nas noites de Inverno

Julgo que tudo findou –
A palavra
Murchou a flor

Madrugada de Inverno –
No corredor sem sono
A visão de meu pai morto

Dois Invernos passaram –

Em testamento
Deixaste-me o teu olhar

Não conheço este país
De peito de flor
Em sangue

Poesia e cor
Purificam
Minha alma perdida

Neste Inverno
Não há flores
Neste Inverno

As cerejeiras nuas
Olham-nos tristes
Tristemente nuas

Esta manhã
Fizemos amor
Num só corpo

As minhas velhas cerejeiras
Estão em flor
Alheias a um mundo alheio

Quando o fruto chegar
Hão-de vir salteadores
Para as saquear

Esta noite sonhei
Que tinha morrido
Ladeado de narcisos

Acordo desiludido
Lá fora um grito de dor –
Onde está o Paraíso?

Nem sempre as flores

Brotam onde possam ser contempladas –
Algumas esquecem-se de si

É hora –
A difícil hora
Do despertar

Esta sombra silenciosa
Não escolhe hóspedes
Ouviste musarinho?

A vida
É hoje
Um sopro vazio

A sombra de Inverno
A minha sombra

A vida das sombras

Assim é a sombra
Assim a minha sombra
Assim são as sombras

No charco
O meu rosto –
Envelheço com o Sol

Meditava –
Estava nela
Todo o universo

Pegada após pegada
Nada resta no areal
Além do passado

O Sol nasceu na minha janela
Penetrou os lençóis de linho
Mas não iluminou o meu coração

Estou só e não sonho
Desejo o fim do dia
E o sono da noite escura

O rio saudou-me
Vi-o dizer-me adeus
Enquanto as trutas brincavam

O eco do sino
Chama para o terço –
Rezo e adormeço

O Outono molhado
Cheira nos pinhais
À canela dos teus olhos

Pelos lameiros verdes da ribeira
As águas que correm
Já são mar

Só nós sabemos em que canteiro
Estão as tuas cinzas
Só nós as poderemos aspergir

O mistério
Não existe
Para quem nada sabe

Quem sabe
Sem saber
Morre nele

No cadeirão velho da casa
Minha irmã não me viu
Viu nosso falecido pai

Noite fria de Janeiro
A cama gelada
Gela o coração quente

O velho maltratava
O velho cão –
Velho idiota

Quero o meu túmulo
Virado a Nascente
Para que o Sol me aqueça
Diariamente
Para todo o sempre

Um sapo de beca
Arrasta-se babando
No tribunal

O rio
Corria
Lento

O meu velho cão
Sempre me ensinou
O caminho da Unidade

No fundo da terra
Nas trevas negras das profundezas
Os vermes já clamam por ti
E pelos teus
Vaca negra da injustiça

Chamam-te até à terceira concepção
Tu vaca de Basan
Que negaste ao pobre animal injustiçado
A vingança do que é justo

Na tua iniquidade
Amaldiçoada sejas até à terceira geração

A abelha voa em círculos –
Eu e o não-eu
Ouvimos atentos o seu zumbido

A rua estranhou os transeuntes
Os passos descompassados
Da virtude cambaleante

A rua já não aponta caminhos
Não alimenta esperanças

A rua é apenas a rua
Sem fim

Medo de ir

Medo de vir
Medo de ser
Medo de te ter

Chegara o dia da sua morte
Sem que algum poder sobre ele tivesse

Abandonado à dor da incerteza
Partiu no último sopro de vento

Manhã cedo de sono
Com a neve a coroar os picos da serra

Nuvens sem destino
No olhar frígido da aurora
Na absoluta incerteza do amanhã

Rio doirado
Na floresta silenciosa –
Sol em fuga

Começou o degelo
Inundando as sombras
Dos salgueiros

Os olhos da mulher
Ávidos
Das pernas da jovem

O mundo enfeitiçou-me
Tu enfeitiçaste-me –
Já não sou eu

Sou um objecto
Teu

Hoje as galáxias cantam
Por entre as nuvens –
Os cães uivam

O Não-nascido
É o mais feliz
Dentre vivos e mortos

Dia de sol e nuvens
No mistério do corpo inerte –
Desespero ao despertar

Naquela mulher em chaga
A doença era já morte

Mesmo assim
Com graça sorria

Como se o dia fim não tivesse
E a dor esquecida fosse

Uma gaivota plana
Um cão corre no areal –
Serenidade à beira-mar

O casebre do pastor
De tão pobre
Tem sempre a porta aberta

A vida do homem
É uma sombra sem rasto
Na estepe gelada

O Sol nasceu
O Sol pôs-se
Para quê tanto esforço?

O que aumenta o conhecimento
Faz crescer o sofrimento

Ilusão
Tudo é ilusão
E querer cavalgar o vento

Somos apenas
Impermanentes partículas
No corpo do Eterno-Infinito

Do lado de fora
Do portão
Um homem morria à fome

Anoitecia –
Vagarosamente
O quarto adormecia

Suavidade
Isolamento
E vazio
Na ausência da mente

Sou a água
Que corre da montanha
E nada sabe do oceano

Campanha eleitoral –
As moscas poisam
Em tudo o que é merda

Hoje estou tranquilo
Como quando estava
No colo amoroso de minha mãe

No caminho aplainado
Pelos insensatos
Tropeçam os justos

Ele mora nos céus

E sorri compassivo
Da sua montanha sagrada
À súplica
Das faces ensanguentadas
Pelo poder e perfídia

A mulher
Tinha a língua afiada da serpente
E do canto dos lábios
Escorria veneno
Invisível
Como vento a correr
Na árvore morta
Da rua deserta da cidade

O homem –
Um sopro
Uma sombra ao meio-dia
Uma gota de orvalho

SALMOS

1

Feliz é o homem
Que não segue o conselho dos ímpios
Nem se detém no caminho dos iníquos

Feliz é o homem
Que o arroubo põe
Na lei do Senhor
E com seu coração

Nela medita
Noite e dia

2

Amotinam-se as nações
Dementes
Revoltam-se os reis da terra
Insolentes

Quebremos os grilhões
Apartemos o seu jugo

3

Senhor
São muitos os que contra mim
Se levantam

Alguns dizem
Nem Deus o poderá salvar

Mas Tu Senhor
Respondes ao meu apelo
De tua santa montanha

4

São muitos os que se questionam
Quem nos trará a felicidade?

Que a luz da tua face sobre nós floresça

És Tu
Quem alegra o meu coração
Mais do que se alegram
Os que em abundância
Vinho e pão têm

5

Em paz me deito
Porque apenas Tu
E a tua lembrança
Deus meu
Me faz viver em segurança

6

Ouve as minhas palavras

Atende a minha súplica

Escuta a voz do meu clamor
Ó meu Deus
Ouve a minha oração
Que com o Sol nasce

7

Senhor não me castigues
Senhor tem compaixão de mim

Cura-me porque desfaleço
Gemo e choro sem cessar

Apazigua a minha alma
Salva a minha vida

8

Livra-me Senhor dos que me atormentam
Defende-me

Tu
O supremo juiz
Julga-me segundo meu direito
Julga-me segundo a minha culpa
Segundo a minha inocência

9

Tu és o refúgio do oprimido
Dos humildes
Que não abandona à angústia
Quem te procura

Caem no fosso os pagãos
Arrastados para a mansão da morte
A sua ruína é total
Caindo mortos a teus pés

A mim que te louvo
Aos infelizes sem esperança
Aos pobres
Não escondas a tua piedade
Liberta teu amor

10

O ímpio persegue o infeliz
O pecador vangloria-se
O ambicioso blasfema
Os inocentes são mortos
Em vis emboscadas
Os infelizes aprisionados
Nas redes da malícia

Não te esqueças Senhor
Dos miseráveis
Dos pobres
Tu amparo do órfão
Das viúvas
Dos humildes
Dos oprimidos
Conforta-os no seu coração

11

Em ti me refugio
Senhor

Tu que habitas no trono

Dos céus
Tu que amas a justiça
E avalias
O justo e o ímpio
Que odeias a violência

Em ti me refugio

12

São cada vez menos os justos
A lealdade é palavra vã
E a mentira prolifera

Defende-nos desta gente
Cuida de nós
Senhor
Cuida de quem te não mente

13

Esqueceste-me Senhor?
Escondes de mim a tua face?

O meu coração angustia-se
O meu inimigo triunfa

Olha-me Deus meu
Responde-me
Ilumina os meus olhos

Que ninguém diga
Venci-o

Confio na tua misericórdia
Confio no teu amor

14

Quem poderá habitar o teu santuário
A tua montanha sagrada?

O que te ama
Senhor
Numa vida sem mácula

15

Digo ao Senhor
Tu és o meu Deus
O meu cálice
A minha herança

A minha sorte está nas tuas mãos

Contigo a meu lado
Caminharei em segurança
No caminho da Vida
E para sempre
Estarei no gozo
Da tua presença

16

Senhor ouve
A minha causa
Atende meu clamor
Escuta a minha oração

Profere sentença
Pois tudo vês

Fui fiel às tuas palavras
Percorri duras veredas
E não me alhei do teu caminho
Nem mentira proferi
Ou da boca
Se soltou qualquer transgressão

Sacia-me com a tua presença

17

Senhor
Tu és a minha rocha
Fortaleza
E protecção
Tu és o meu abrigo
O meu escudo

Fui cercado pelas ondas da morte
E pelas vagas destruidoras
Envolvido nos laços do abismo

A terra tremeu
As montanhas foram abaladas
E do teu santuário
Ouviste a minha voz
Livre de pecado
Tiraste-me das águas caudalosas
Livraste-me do inimigo
E recolheste-me no teu regaço
Porque és fiel
A quem fiel te é

18

Meu Deus
Meu Deus

Porque me abandonaste?

Porque rejeitaste a minha lamentação
O meu pedido de socorro?

Durante as noites solitárias
E longas
Por ti clamo

Durante o dia
Por ti chamo
E Tu não respondes

A minha alma não sossega

Tu és o Santo
Eu um verme
Cercado por touros ferozes
Mas não te apartes de mim
Não te afastes

19

O Senhor é meu pastor
Nada me falta

Em verdes prados me descansa
Às águas refrescantes me conduz
Conforta a minha alma
Guia-me na rectidão

Ainda que vales tenebrosos atravesse
Não terei medo

Não haverá dia
Em que a tua bondade e o teu amor
Me não acompanhem

Não terei medo

E para sempre
Na tua morada habitarei

20

Para ti Senhor
Elevo o meu espírito

Mostra-me os teus caminhos
Ensina-me os passos
Das tuas veredas
Conduz-me à tua Verdade

Para ti Senhor
Elevo o meu espírito
E em ti confio

Esquece os meus pecados
Olvida os meus delitos
Salva-me a mim
Que sou pecador
Só e abandonado
Por mil angústias
Atormentado

21

Senhor
Tu és a minha salvação
Baluarte de minha vida

Nada me assusta
Nada me atemoriza
Mesmo que todos os exércitos
Me cerquem
No meu coração não haverá temor

Uma só coisa te peço
E desejo
Habitar na tua morada
Para todo o sempre

22

Senhor
Tu meu rochedo
Não ensurdeças
Ouve a minha voz
Atende o meu grito

23

Bendigo o Senhor
Que me salvou

Bendigo o Senhor
Que me curou

Livraste a minha alma
Da Mansão dos Mortos

Sem cessar e em júbilo
Meu coração te cantará

24

Feliz aquele a quem a culpa é perdoada
Feliz o que é absolvido do pecado
Feliz o que não é acusado

O meu pecado te confesso
Assumo a minha culpa

De bruços te agradeço o perdão
Envolvido em cânticos de libertação

25

Bendigo-te Senhor

Enaltecei-o comigo
Exaltemos seu nome
Que clamado por um pobre
De imediato lhe responde

O Senhor é bom
Exaltai-o
Desviados do mal
Abraçando o bem
Perseguindo a paz
Os humildes enriquecem
Enquanto os ricos empobrecem

O Senhor resgata a vida dos seus servos

26

Senhor
A tua bondade atinge o céu
Tua fidelidade as nuvens
Tua justiça os montes mais altos
Teu juízo o profundo abismo

Debaixo das tuas asas
Refugiam-se os justos

27

Deus
Vinde em meu auxílio
Que contra a minha vida atentam

Sou pobre
Sou infeliz
Socorrei-me

Vós
Meu protector
Vós
Meu libertador

Não tardes
Deus meu

Não nos podemos acreditar neste país sem dicção
Zig-zag de conquistadores operários de clubes de
proxenetas
As gravatas líricas enrodilhadas no baixo-ventre de
espíritos imundos mercadoria-sombra do mundo cintilante
da ganância
Palmas e ambição no tapete da filigrana que os
lenhadores não podem pisar

Indiferente
Ao Teu aparecimento
Como a árvore que seca
E aguarda sem aguardar
A chuva de Verão

Indiferente
À experiência
Ao desejo
Ao conforto
À Tua vinda
À Tua ida

Um bando
De gaivotas
Desnorteadas
Em debandada

Esgotaram-se as palavras
Na benção da essência

Das coisas profundas
Milagre da humildade da suprema

Virtude cultivável nas silvas
Onde as rosas florescem

De madrugada no silêncio
Do canteiro imóvel

Um relâmpago
No céu
Ilumina o paraíso

O Sol ia varrendo as nuvens
Do céu em harmonia
Com as flores coloridas

Do pasto verde
Ladeado por rochedos
De musgo amarelo-esverdeado

Duas ou três árvores
Sem pensar na morte
Lançaram raízes
No velho coração do bosque

Terra vermelha
Árvores verdes
Paz nocturna na colina

O rio dormia
Embalado pelo vale
Berço de alegria

Meia vida
Meia morte –
Caem as flores

Cai a folha amarela
Junto ao casal de pombos
No parque onde nascem crianças

Intenso calor à beira do lago
Onde um cão
Lava o focinho negro

Por baixo da ponte em ruínas
Patos e pombos
À sombra uns dos outros

Cheiro de Estio no ar
Ofegante
Perfumado

Pelo caminho subia-se
Na direcção da memória

Os candeeiros da cidade
Apagavam as estrelas

Mulheres ressuscitavam
Na avenida escura

Amor repartido em pão e vinho
Amor profano
Com princípio e fim

Uma rua imunda com prédios estereotipados navega ao
ritmo do sentido dos veículos
Os vivos dirigem-se para o matadouro ao som de um
piano desafinado tocado no último das habitáculos da
desesperança

Manhã de sombras
Que não se repetirá
Na ilusão do tempo

O desejo da morte
Dor sem dor
Dor que a dor mata

A amante de décadas
Segredou –
Boa viagem

Uma lágrima rolou
Para o leito de morte
Enquanto para sempre
Adormecia

Paredes de pedra e um
Telhado
Marroquino na
Garagem dos fundos

Longe
Para além da
Cidade suja
Com seus monstros
E alienados
O mar
Na direcção de África
No coração
Do deserto azul

A escrivanhinha aberta
Espera
A caneta

Uma tela betumada
Aguarda
A primeira pincelada

Naquela casa
Do monte solitário
Tudo está suspenso

Não ter nada
É ter tudo
Nesta varanda sobre o Tejo

Hoje
Pensava querer um corpo

Erro

Basta-me o meu

Uma nova caravana de camelos entra no deserto à
gandaia das marés pela porta principal do hemiciclo
São Bento da Porta Aberta a tudo o que é ladrão

Na teia de pequena aranha
Junto à lareira
Uma vespa

Não me contive

Mas

Tarde demais

A criança brinca amorosamente
Com os cisnes –
É um Buda

Um quadro verde
Um laranja
Olhos de medo
Um ar condicionado
Um irradiador
Mobílias antigas
Fora
Uma piscina inerte
Na solidão da tarde

Via-se
Que demandava a alma
Na oração perdida

Na colina
Uma cerejeira florida
Abriga um melro
E com ele

A humanidade inteira

Uma luz ténue
Na casa branca da colina –
Estarão a fazer amor?

À tardinha
A minha sombra
Persegue-me

A vida dela
Parece mais real
Do que a minha

As flores
Flutuam
No lameiro

Operários descem a rua de Santa Justa alheios aos
comentários das páginas cheias de garatujas negras
desconhecendo que são lixo internacional

Hoje
O frio é cor de sangue

A geada
Geme no azul do lago

Não consigo
Matar a mosca
Nem ferir a flor

O cuco canta
Enquanto a cigarra
Anuncia o calor

Uma flor de camélia
Debate-se ao vento Norte

Cai a tarde
Cai a flor
Exausta
Como o dia
Nas rugas do cavador

Conto feijões
Para não pensar

No lago
Exuberante
Morre a luz do Sol
Ao entardecer

Sei que nada sei
Feliz sem saber

Sei que nada sei

Talvez assim
Venha a conhecer

Talvez

Em Junho
Também chove
Nas rãs ao Sol

Fujo da minha sombra –
Quanto mais corro
Mais vida lhe dou

Morro
Nos ossos
Dos meus antepassados

A partir de hoje
Serei apenas
O eterno-viajante

Um clarão entre trovões estremece as pérolas de orvalho
A Lua gela ao cair do dia
Fria solenemente fria
Agora demorada no silêncio das nuvens

As cigarras não cantam
Por entre os lírios amarrados à terra branca
Enquanto
Nos meus olhos crepitam lágrimas
A escorrer nas folhas mortas

Através da neve o viajero
De lanterna apagada
Tropeça na vereda nua

Um leito gelado aguarda-o
No monte onde a Lua descansa

Palhaço pobre –

Riso inocente
Em lágrimas submersas

Nascer

Navegar em mar revolto

Morrer

Calmaria na baía

Uma canção nova
Diz que te amo

Uma canção nova
Penetra no teu quarto

Lá fora
Um cão ladra à toa

Um rouxinol canta
Na Senhora da Serra

A cantiga que dorme
Minha alma te doa

Branca é a manhã
Resguardada das discórdias

Hora de julgar
Os mistérios

O amor deveria ser
Uma andorinha
A ir e voltar

Minha
Na ida
E no estar

Por mestre quero um louco
Peregrino sem destino
Perdido na floresta profunda

Ela

Ela vive
E sofre

Mergulha na tarde
Na sombra da montanha
Em tristeza crescente

Feições agudas
Pés a sulcar pegadas
Já lavradas

Com uma pulseira doirada
No tornozelo pérola

Ela

O desejo voraz
Sempre presente
Consome-me

Amanhece
Trinco o mundo velho

No meio da manhã
Um mar de ondas

Alameda sombria
A orar

Suplicante
A flor murchou

Ao florescer
De improviso

Com tons quentes
Pinto as mulheres

De janela escancarada
Deixo
A Primavera entrar

País de escombros
Para além das estrelas
Grão de areia no mundo

Latido de nortada
Dos horríveis monstros
No tempo que esmorece

No cárcere do coração
Que entristece
No choro da casa oca

O búzio
De tanto escutar o mar
Não cessa de o cantar

Pesado copo de vinho
Na mão alada
Do cavador

Um altar no templo escuro
Santificado pela adoração
Dos anseios e medos

Da turba supersticiosa
Mergulhada na idolatria
Do passado

Se Te visse
Seria um óptimo dia

Excelente

Ver-Te –
Ótimo dia para morrer

Num mundo
Em chamas
Não há estrangeiros

Rio-me de ti
No instante do crepúsculo
À tarde tudo muda

Na terra odiosa
Martírio de loucos
Pobres do dia a apodrecer

Desgraçados sem fé
Pó levantado os cega
No deserto

Das luzes moribundas
Oliveiras de sangue
Ataúde em carreiro

O vento sacode as palmeiras
Na última luz do dia

A sombra do cipreste
Por mero acaso
Escolhe as sepulturas

Amor pisado
Pelos mortos antigos
De mil flechas
Aguçadas

Quero partir
Morto de tal sorte
Como Sol encoberto
No planalto

A terra treme
O rio galga as margens
Assim me afundo
Assim parto

No Senhor Deus
Que a liberdade
Me deu

Envelhecemos
E de medo
Morremos

Neve
Gelo
Vento Norte

Ervas
Escondidas
No pasto

Raízes
Dilaceradas
Pelo machado do tempo

Soam três badaladas
No ar gelado –
O Buda espreita pela porta

Teu corpo santo
Na pura mocidade

Tua voz trespassada
Por fogo sem fumo

Teu nome
Que sacia a fome

De pobre aflito
Em botão de rosa
Por abrir

Trave mestra

O carro
Cai na chuva
Desfeito

Abre-se o clarão
Do dia em dor

A mala
Levanta a voz

Pássaro
A vomitar fumaça
Na gente que passa

O céu varrido
Por raparigas atormentadas
De desejo

Um jovem moço
Arqueiro

Da virtude

A rua nua
Um brasão
Um coração

Imaginação
No saco de lixo
Ao amanhecer

A poesia
Canta o silêncio
Em si bemol

Nos poemas
Répteis
Um homem falido

Carteiro
Sem cartas
De amor

Mendigo
Sem lenço
Sem lençol

Alma pura
Dobrada
No Livro do Horizonte

Um inferno lá fora atrás das roseiras dissipa a dívida
externa em festas e convulsões
O céu cristalino observa o pavimento sangrante dos
palácios moribundos de feridas acres arrastadas pelo

volume da corrente a engolir homens bichos e barcos
hidráulicos

A rua suja da cidade com os pulmões a estourar recolheu
ao sono pantanoso de dilacerante pesadelo Ali estavam
colunas em vigília observando a perpétua e patética
diversão das esculturas roídas pela noite e pelo abismo
Escuma do tempo

A palmeira de tão solitária
Parecia o deserto

Muda
Anunciava-o

Uma dor aguda
Expansiva
Penetrava a essência da beleza

Rasgava o corpo em dois
O amor em três
Sacrificado nas colinas a Sul

Livre da ambição
Ardia sem fumo
E todo o meu ser tremia

A chama brilhava incandescente
No topo do bloco de pedra inerte
Agitada pela brisa do entardecer

Uma aranha ágil
Enreda as moscas na teia
Como quem ama

Ia e vinha buscando a essência da Morte
Sem nunca perceber que era a Vida
Também a essência da Morte

Espero em vão
As penas do purgatório
Enquanto tu segues
O rasto da Lua Nova

Os bosques densos
Verdes
Com árvores em flor
Esbracejam

Em terra alheia
Me perdi
Em noite longa
Me encontrei

Pardal e rouxinol
No mesmo galho florido –
Paz e harmonia

No sonho flores
Amarelas desfilavam

Na avenida púrpura
Fértil de pernas nuas
Cruzadas em arco-íris

Nada encontro
De perfeito –
Nem as lágrimas do arrependimento

A cama
Desfeita

Sem o teu corpo
Branco de neve
Gelou

Na tarde abafada
Mais uma borboleta
Que me não sai da Alma

Angelus –
O sino geme
Na rua deserta

Sinto-me a chegar ao fim na impaciência das árvores
ondulantes
Na margem do rio um pobre mulher lava a febre dos filhos
de ricos em culto gestual tão ancestral como a sufocação
dos escravos náufragos de abominável caravela
Morte maldita

A lareira acesa
Derreteu
Os meus pensamentos

Envelheço
Depressa
Depressa demais

Uma lebre parou no caminho bem na frente do jipe
Inocente no escuro da madrugada manteve-se imóvel
como numa gravura
A Serra ganhou contornos de alegria nas almas tismadas
dos pastores

O cão velho na estrada
Ergue-se sonolento
Enquanto o carro aguarda
Pacientemente

Quem me dera
Estar por estar
Ser por ser

Já não ouço
Cães a ladrar –
A raposa foi-se

Um sorriso ora distante
Ora próximo

Um ajeitar de longos
Cabelos lisos

Uma palavra
Uma só palavra

Parca esperança
Para quem está só

A Primavera
Legou ao Inverno
Rosas de gelo

Luz do Sol
Também
No pátio da prisão

Chegara não se sabe donde com seu sorriso luminoso e
olhar cintilante
As flores desabrochavam nos seus passos os cães
uivavam na profundidade das suas entranhas e os seus
gestos afáveis de criança eram embarcações lançadas ao
mar bonançoso
Nunca iria dizer-nos nada absolutamente nada do que
sabia Para sempre omitiria a Verdade

Ao raiar da aurora
O piar suave do pássaro
Não escolhe auditor

Ao longe
A montanha onde sempre estive –
Dúvida no voltar

Um degrau no tapete
Desce por entre luzes

De castiçais e incenso
Energia que desperta

Os corpos imensos
Da barata universalidade

Da rua de Santa Bárbara

Mais uma árvore
Derrubada no caminho –
A morte volta sempre

Ao leme
Que a barca orça
A vela rasgada

Encharca o vento
De espuma salgada
A vaga varre a proa

Sacode as escotas
Range o aparelho
Cega o timoneiro

Ao leme marinheiro
Que a morte espreita
Que Deus nos valha

Último comboio da noite –
Homens seguem homens
Tédio segue tédio

No relógio avariado
Poisa a ave do tempo
Morta de sede e fome

Em Toto
Improvisado
Um cemitério militar
De terra negra

Jovens guerreiros
Que nunca
Deixaram de o ser
Em Toto

Desembarcámos em Luanda marchando na avenida
ornada de saias rodadas com os olhos cegos de luz
Nos lábios o sorriso de quem vai beber a cicuta das
delícias do amor e da guerra

O vento
Alivia o calor
Do Crestelo

Aves submersas
Na colina

Semeada de arcos góticos

A Primavera resplandece
Nos olhos azuis

Cor de lago
Salpicado pelas copas

De frondosos pinheiros verdes

Quando o desejo fala
O segredo é revelado
À alma cega
De apaixonada

Na erva verde
À beira do rio
Cai uma maçã do teu rosto

O som da flauta
Nos teus lábios
É uma harmonia nova

A vontade era um tédio amarelo a repousar nos degraus à
sombra da faia
Na aldeia morrera uma criança já velha em corpo amado
Corpo contorcido num leito sem sonhos
Tudo findara no rumor dos novos ruídos

As estradas do pensamento
Percorridas
Demasiado vistas
Escondem no pó

A sabedoria de monstruosas crianças
Ouve camarada
Este é o caminho dos mortais
Na poeira do espaço negro

E do tempo incólume
À penetração de súbitas visões
Na acrópole

Discute-se a alma trivial
Das formas de neve
A cobrir o mármore da multidão

A chuva caía ansiosa no telhado de vidro Por baixo os
corpos agitavam-se em cúpula desfeita Lençóis de seda
desmoronavam-se em círculos imperfeitos quando a neve
começou a cair

Um ligeiro gemido fraterno clamou ao silêncio da aurora
Amor agora que tarde se faz e a manhã doirada já
estremece Agora no amplexo mecânico o mecânico
espasmo

Agora ou nunca

Só os pobres têm alucinações
Tormentosas
De amores ao rubro

Os ricos
Esses com prudência
Têm visões

Mediúnicas
Inspiradas
Durante as exalações

Donde comandam
As cordas gastas
Do relógio da indignância

Sentado na carruagem do esquecimento de si e das recompensas
Na paisagem corrida apenas a humanidade mergulhada em doutrina impura de ídolos sacralizados
O véu do tempo beijou o sono primaveril inundado pelo cantar orgiaco das cotovias
Afinal somos todos fantoches

As cataratas dos teus seios
Redondos inermes

Sem função palpável
Atraíam o olhar

Do navegante
Doutros corpos

Ergueu-se a bandeira da democracia na madrugada
hasteada por débeis recrutas vindos de terras de ninguém
Canhões ao sul apontados ao paço e obuses envolviam o Cristo sem vida a mirar o rio
Caíram poderosos Caíram no fundo do lago onde por burguesia mágica nasceram abolicionistas aos milhares
Novos predadores de carne fresca retalhada em invasões antigas a limpar o ranho nas mangas dos súbditos das pobres vielas

Durante a tarde
A vontade de partir

Depois de noite
Dormida em cama de pedra

Tenho dos meus antepassados
Olhos negros e por vezes
Uma visão pessimista do mundo

Na capela lateral
A Santa olha

Em todas as direcções
Atenta aos pecados

Soletrados por velhinhas
E antigos escravos de negros porões

À tardinha
Ouve-se o perdão
De uma Ave-Maria

É preciso inventar o amor
Hoje é apenas palavras de encantamento que morrem à
beira do rio ascendente A ilusão do peito submerso nos
ácidos projectados em escombros Miséria rastejante
perdida no deserto de leis desconhecidas Sarcasmo
hormonal de corações falsamente compassivos Umbral de
porta escancarada ao engano e ao desejo alucinatório de
sacros sofismas Luz feérica de ruelas adormecidas no
néon da praça virgem
É preciso reinventar a mentira

O gesto violado
Ingénuo

Corpo exilado
Da vida

Dias das Estações
À venda

Os palácios incendiados
Pelo aborrecimento

Sem que o murmúrio
Da bruma vermelha

Aconchegasse a noite
De fábulas e oceanos

Por descobrir

Um raio no largo
Da aldeia –
Esfumaram-se os saltimbancos

Experimentámos as palavras
O sentido rude da enarmonia

Convexa

Ambições

O amor

Jogemos como amantes nascentes
Os corpos suados lânguidos ausentes
No palco sombreado do leito de açucenas

Há uma ponte entre nós Um abismo enlameado pela
apoteose

A Lua arde e o Sol no outro lado da Terra desespera
Diz-me flor qual é o teu nome Não corras gazela
Os corpos estão à venda
Hoje
Domingo
Algures lá fora

Uma exposição de pintura
E ao lado um pobre pintor
Vai caíndo um casebre

Pampilhosa –
Outrora
A esperança interminável
Da mudança

Hoje
Por segundos
A mesma casa rosa
E a partida
No silvar da máquina do tempo

Ouviu-se um acorde
De dó maior no corredor escuro da casa grande do
embarcadouro
Alguém soletrava palavras de versos salgados que
ecoavam no horizonte cinzento-pérola Maresia e acórdão
entrelaçados em acto de amor

Ao fundo da rua estreita via-se o céu carregado de
sombras e a Lua timidamente a espreitar
Uma cantora com uma garrafa de rum ao peito encostara-
se ao garrido papel de parede descolorado por alucinações
larvares Não se iria deitar sem homem No ferro-velho do
pontão Norte encontraria pelo menos um velho mutilado
ou um magistrado embriagado
Iria beber o licor da volúpia num qualquer vão de escada
enquanto o mar descansava nos degraus do cais

Paus de vedação
Amontoados
Sem protecção

O fogo ergue-se
No terreiro

Pássaros minados de piolhos
Tomam assento nas bancas

De frente para o coreto
Povoado de bandeiras de papel

Grossos bigodes
Em saxofones doirados

Raparigas aguardam ansiosas
A chegada do esquelético conjunto

Do toque aprazível
Ao bailar

Os selvagens
Modernos
Condenam
Os irmãos
A morrer
Famélicos

As cidades alimentadas de seiva ornamental amamentam
manadas oblíquas e transviadas de seres ausentes
fumegantes seminus a esmiuçar o pântano da avidez

Os selvagens
Modernos
Não são
Como
Os de antigamente

São canibais castrados a arrostar a pior das prostituições
no ego massacrado por falsas rebeliões
Muralhas do tempo

Cigarra
Faz a tua escolha

Um único lugar
Para cantar

Uma só fêmea
Para amar

Todos nós temos um demónio
Tal pedra de fogo na algibeira do casaco roto a
esquadrinhar o fundo do lago
Gravura bizarra
Impressa no sonho de fim de tarde
Onde penetra um amigo acorçado no canto da sala vazia
Sem que tenha sido convidado para o fuzilamento
Uma águia na parede negra de lumes remotos poupada ao
inferno das almas humanamente imbecis pressagia a
chegada de moscas ferozes tristemente despeitadas no
reino animal
Na fome do amor infinito iludiu-se o espírito no espaço
ocupado pelo bosque da ravina de Satanás

Pobreza envergonhada
No bairro dos subúrbios
Envelhecido pelo ócio
Pelo tédio

Pelo sem-sentido
Dos passeios vulgares
Irregularmente calcetados
Nas noites de Inverno

Sordidamente ornadas

Por insónias
Mar de chamas

E pela cólera
Das famílias
Famintas

Mais um projecto entre tantos
Necessito de um projecto para viver estupidamente –
Atravessar o Atlântico de patins

A noite dura na impensável longevidade do cosmos
Corre sangue na ladeira iluminada por velha estrela de
prata uma das poucas que a cidade desordeira não
ofuscou
À porta da catedral de três bicos um homem de tenra
idade jorra lágrimas efervescentes de sentimentos
contraditórios Matara-o a morte de amor e ciúme ódio e
rancor
Aguardaria com as mãos crispadas no coração contrito o
perdão dos séculos Aguardaria sempre mesmo depois de
morrer com o coração exposto no ventre aberto

Idílio
Acompanhado à flauta
No fio da memória

As Crianças são cruéis
Algumas são monstros de rostos pálidos perfeitos
angelicais ruínas bárbaras de bosquetes encantados por
duendes e semideuses
Crescem no movimento dos milhafres imersas no êxtase
fatídico de palácios submersos
Aquele isola-se
Aquele canta
Aquele outra discursa agonizante
Estiradas no lamaçal construtoras de mundos de carvão e
papel fosforescente galgam caminhos eivados de
tempestades e pedras preciosas em vigília permanente
Adormecem no pesado sono do infortúnio vagabundeando
de sonho em sonho e acordam na fraqueza das cidades
moribundas onde roídas são por vermes lacustres da
ambição
Sem remorso sem redenção

Um carro de prata
No aparador da sala –
Bastardo da inveja

Os homens
Maltratam a justiça
Que a Deus pertence

Maltrapilhos morais
Dizem-se justos
Esses ranhosos

E dizem-se sérios
Miseráveis poderosos

Podres no sangue
Na carne
Nos ossos vergados

De sujos corcundas
Os corruptos

Uma casa branca
No outeiro

Sempre gostei de casas brancas

Noivas
Imaculadas

O pastor mirava atônito o cintilar da Estrela da Manhã Os
chocalhos irrompiam pelo renque de pinheiros
montanhese vergados à violência das neves invernais no
esplendor do desassossego íntimo da natureza inóspita
O céu atraía o movimento violeta dos olhos de prata e das
brisas de caminhos sem retorno
Anos de transumância de noites dormidas ao luar que
nunca foi mais do que luar porque se fosse mais do que
luar já não seria luar e seria certamente diferente
História simples da simplicidade agasalhada num capote
de palha entrançada sem cama sem avidez com sonhos
de calor mutilados por mãos descobertas orvalhadas
gélidas Mãos doridas rasgadas por cicatrizes de amor
olvidado
À frente um dos cães na vegetação solene e rasteira
ordenava o rebanho na demanda da erva fresca do
planalto do Cabo do Mundo Daí poderia cair-se no último
dos abismos A partir dali o desconhecido sem espectros
abantesmas ou delírios
O olhar cessou nesse horizonte infernal e fez-se luz

Orquídeas planavam
No jardim
Por entre cedros centenários
Do longínquo Líbano

Por escadas
De flores
Sobem amores

Cantavam aves na mansa fonte imemorial
Jorravam gotas de água perdida
Dois corpos bebiam a saliva da vida na jóia da noite
renascida

Já vivi numa estrela
Azul

Fazia a travessia do mundo
Com lenços brancos a acenar

No cais de pedra negra
Confessor de todos os segredos

Que podemos ter
Que se podem dizer

Agora
Vivo
Numa mansarda
Verde
A amadurecer

É íntima
Esta ânsia
De amar

Se voltasse a nascer
Faria tudo o que fiz –
Que outra coisa saberia eu fazer?

O destino
O acaso
O absurdo

A dama sobe
A escadaria
Do palácio

Para o encontro
Golpe fértil
Atrás de biombo

Um leve gemido
Nupcial
Perfumou o ar

Descalça e graciosa
À beira do ribeiro
Lava a saia domingueira –
Há baile no terreiro

As Trindades dobram –
Ela sofre em silêncio
A suspeita da traição

Vê
Um mistério vítreo

O cosmos mudo
Perante dois amantes

Enlaçados após
O pôr-do-sol

Por luzeiro o tacto
Por instinto o olfacto

A pele da pedra
Inerte

Sorri louca
Ao grito de guerra

Canta o galo
Morre o galo

Ao nascer da manhã
Que fica

Para outros dias
Para outro amanhã

Que algo de novo venha –
Uma alma aberta
Ao Bem que jorra do Céu

Flores amarelas
Vermelhas
Azuis cor de mar

Uma rosa
Um cravo
Uma tília

Um leito florido
A volúpia de um orgasmo
A agitar o planalto

Sentado à porta da taberna num enorme copo de vinho
amadurecido por longos dias de espera deixou cair a
cabeça nos braços ressequidos
O vento sulcava-lhe as faces enquanto ouvia o rumor da
folhagem da dócil tília
Não havia nele qualquer impulso psíquico para além da
vontade de beber a vida no escuro néctar avinagrado
Nem querer nem conhecer nem ser

Como é estranho
Este vale de flores
Cercado pela miséria

Como é estranho
O universo
Em guerra permanente

Como é estranho
O absurdo

Como sou absurdo

E estranho

Todos os homens são mortais
Pó na argila do solo
queimado
Que se dane
Todos o sabem menos os mortos

Nas algibeiras nada tinha
Não tinha casa família ou bens
Vivia o ócio da pobreza
Mesmo assim no cimo do rochedo
donde se avistavam as
naus que partiam para o novo mundo
a angústia do Nada
por ele clamou

Acreditava-se no acaso
No desígnio de Deus
E que tudo é mistério

Era uma aberração
Estava desviado do seu fim natural

Na multidão multiplicavam-se os bárbaros instintos

Em si e por si é
Total
Perfeito
Acabado

Ilimitado
Aquele que é
Foi e será
Rosamundo

O caracol
Marca na erva fresca
O meu caminho

O Outono
Tem o cheiro
Da contemplação

O cão negro
Entrou no ribeiro

Insaciável
Parecendo querer secar

A corrente
Enquanto lava as patas

A chuva
De Primavera
É sempre bem vinda

O último dia do mundo será um dia de Outono com as
folhas a cair como lágrimas na terra fértil por arar
A humanidade irá recolher silenciosamente aos túmulos
abertos pelo Coveiro do Universo dividida em covais
cinzentos onde botões de rosa murcham
Aves elevar-se-ão nos céus e apenas elas habitarão uma
nova existência de sonho e bondade
A chuva copiosa ácida nivelará todos os contornos até que
o fogo sagrado a extinga reduzindo-a às cinzas do
presente e do passado

Florescem as cerejeiras –
Nada espero
Nem cerejas

Flores de ameixeira
Flores de cerejeira
Olham na direcção do céu

No chão
À sua sombra
Um cão ressona

Para fazer o ninho
Um pássaro esquadrinha em vão
A estátua negra

Ó rouxinol
Para quem cantas tu?

Calaram-se os homens
Na taberna
O jogo do truque
Findou

Também gostaria de interrogar Chia Yi sobre os deuses
A miséria humana julgo eu conhecê-la

A vida floresce
Em todo o vale –
Contudo estou só

Tanta beleza
E
Sofrimento

Tanta dor
E
Tormento

Que Deus nos perdoe

Não há ninguém
Que te não ouça cantar
Rouxinol

Toda aquela beleza
Reflectida nos teus olhos
Projectada na minha alma

Trutas imóveis nas pedras soltas do rio transparente
Outras fogem do pescador de almas em corrida
ascendente

Mar de chamas
Em toda a colina –
Voltou o inferno

Os sons de Primavera
Espraiam-se ligeiros
Na água da fonte

Vento surdo
De fim de Primavera –
O lavrador alivia a enxada

Partira sem pegadas as estrelas por companheiras à luz
da vela vermelha
Não suportava mais a música entristecida dos encontros
secretos ao arrepio solar
Um rio eterno de safiras e esmeraldas haveria de existir
em qualquer lugar As flores da amendoeira da berma
inóspita eram o seu mais íntimo presságio
Nunca mais iria voltar

À porta
Os velhos tamancos

Que mais ninguém irá usar

Os olhos
Esfarrapados
Do homem
Estranho à aldeia
Apenas pediam
Humildes
Alguma compaixão
Num copo de vinho
Num naco de pão

Abre-se a porta
Ao olhar curioso
Do chapim

Quando chegar o tempo em que não houver ninguém para
te amar em que nenhuma mensagem percorra
continentes para te consolar tocarás a flauta no sopro do
suspiro
Como te lamento assim envelhecida com a luz do coração
a extinguir-se Como te lamento

A andorinha alimenta os filhotes –
Desconfiada
Espreita-me
Pelo canto do olho

Dormia à luz da Lua
Com árvores animais
E a Alma dolente a seu lado

O portão da quinta-feira
Há anos não era pintado
Há anos que ali
Ninguém entrava

A Tua montanha Senhor é longínqua São tantas as que
minhas pernas vergadas e trementes descobrem sem que
a Tua veja resplandecer ao doirado Sol da aurora

Morrerei a caminhar

País de ladrões –
Por fechadura
Uma Magnum

Já não escrevo cartas de amor
Limito-me a remeter pensamentos escritos na nocturna
solidão do piar daquela ave cujo nome desconheço
Pensamentos enviados nas asas do vento

O político
Discursava

O texto era antigo

Tão antigo
Como a mentira

A mesma frase musical
Tocada pela flauta de bambu
Cem ou mais vezes –
Medito e adormeço

A noite resvala lentamente no quarto opaco O dia levanta-
se apático estremunhado corroído por débil vontade que o
espelho deformado do tecto não reflecte
Mais abaixo os salgueiros bebem a água do ribeiro e o
vinho aquece ao Sol crescente
Não vamos Ficamos onde moram os amantes entre
lençóis de linho aquecidos e sorvemos o gozo que dos
corpos se extrai

Gente no jardim público –
Tanto mal
Tão pouco bem

O menino brinca
Com a papoila
Como se brinca com um malmequer

No fim do caminho
Coberto de neve
O rio branco do céu

Nona noite Os corpos já se estendiam no tacto subtil do
final do dia
Suores fiéis dançavam rodopiantes entre membros
desnudos como ramos de cipreste vergados ao desejo
Ouvia-se a sua voz
O testemunho do acto vibrante

Ao cortar a árvore do jardim
Cortei as raízes do meu coração

A sombra saudável
Sentou-se junto

Do corpo decrépito

Tanta conversa fiada
Tanta coisa por dizer
Deixem o burro falar
Que não se consegue conter

O cachorrinho dorme
Sonha com brincadeiras
Infindáveis
As patas deitadas
Agitam-se
Correm sem cessar

Rufam tambores
No meu coração em chama
Ardente de carne viva

Já não sou senhor de mim

Beijo-a embriagado
Lado a lado com o jarro
De vinho adamado

Balboa é a terra à beira do último dos precipícios do universo

Há que saltar para o vazio dando continuidade aos passos inacabados e começar os que nunca foram dados

Balboa é um marco de fogo na escuridão da noite terrífica
A candeia que ilumina o cego A vara que penetra a fera O medo transmutado em coragem

É a determinação absoluta que afecta a dúvida e a quietude

Balboa é a única acção na senda da vida e da morte

Peregrinos para Fátima –

Quem persegues

Ou contigo o trazes

Ou nunca o hás-de encontrar

O meu peito sangra

Na oração

Suave escada

Descansa no meu coração

Faz em minha alma

A Tua morada

O quarto é assaltado pelo perfume das flores silvestres
Orvalhadas pela noite de Lua Nova

Perguntas-me solenemente pelo anel de noivado sem que
te saiba responder
Digo palavras soltas
Folhas esvoaçantes de Outono

Mas há o teu cheiro
O teu corpo
Os teus aposentos vermelhos
Teus lábios de framboesa a colher
Tudo para além das meras palavras
Para além dum mísero anel de noivado

No infinito
Num dos seus pontos
Estás tu
Esplêndida
Fonte de luz
Na noite eterna

Viajante
Sem norte
Movendo-se como esmeralda
Imóvel
Nesse e em qualquer outro lugar

Centro do infinito
Eterno retorno

Há vida
Há terra
Ar
Fogo
E
Água
Até que a verdadeira vida
Nasça nesta ilusão continuada

Chegámos à aldeia
O sino toca a finados
A morte voltou

O marido da defunta
De azul marinho
E preto
Tem os olhos inundados
De resignação

Falámos da existência
Do sofrimento
Da melancolia do futuro
Mergulhados
Em meditação ocasional
De quem só pensa no decesso
Quando acontece

E a nós nos toca
Pobres mortais

A observação pode parar mas o raciocínio também amigo
Pessoa que jazes inútil em pó pelos Jerónimos A tua
observação clarificou-nos como o riacho que corre sereno
e alegre no vale verde e doirado da existência O teu
raciocínio limitado como convém a um génio está corroído
pela traça do tempo enterrado nos gogos e areão do
fundo com que muitas vezes se amassa e adorna o
cimento destinado à construção das casas que disformes
adormecem a beleza das aldeias
Agradeço-te o sempre-novo e rejeito liminarmente os
ossos do passado
Com a devida vénia
Obviamente

A sombra do sonho
Era idêntica à sombra da realidade –
Dois corpos em intenso amplexo

A vida é
Hoje

Esperança amor
Um poema
Fantástico
Perfumado de jasmim
Flor da alegria

Amanhã
Quem sabe
Poderá ser
Ou não
A mais bela
Flor da dor

Banhado no seu próprio sangue
Confundia
A essência e o sentido de tudo
Com a essência exangue do Nada

Havia morte na cadência dos passos descendentes
Olhares vagos
Luzidios
Tristes
Indiferentes
À visão do cemitério
Penetrado por ciprestes

A terra prateada
Vestida de mármore
De granito polido

Resplandecia
E na morte
O ar respirava a fé
Da ressurreição

Pobre gente

Chegaram os primeiros Anjos
Cedo
Tão cedo que mais ninguém ocupava o adro naquele dia
de calor infernal
A procissão iria começar
Lenta
Com o Senhor
Ajoelhado no andor
A suar
Sangue divino

Aquele era um lugar de repouso com pinheiros silvestres
blocos de granito e algumas lascas de xisto Por vezes o
céu era mais azul e o poente mais rosado A brisa vinha de
Oeste e percorria as artérias da Alma fazendo-nos ficar
simplesmente ficar como crianças pasmadas que brincam
com as alaúdes ou com as ondas mansas da praia
esquecida

Um cordeiro imolado
Berra como pura criança
Na inocência do mal

Como são longas as noites
Curtos os dias
E a velhice inerte

A corola aberta
A árvore florida
As vozes frescas das ceifeiras
No espelho de água lisa

Os sorrisos louros
Nos rostos avermelhados
Do sempre-feminino

Ali junto à fonte
Onde repousa a brisa matinal
Brinca o mesmo menino
De sempre

Um odor a lilás
Percorre
As narinas putrefactas

Uma ave canta no amanhecer
Nascido das raízes da velha árvore
Ressequida e nua

Há cinco Outonos
Ali fez o pica-pau seu ninho
Resguardado do vento forte

Dos temporais do Norte
Das noites frias da floresta
Chuvosa e uivante

Sem saber
Que o destino do seu abrigo
Era o corte incompassivo

A manhã estava triste As paredes pintadas dos casebres
mergulhavam numa melancolia mortal Não se via gente O
sino tocou e o seu som congelou na copa do carvalho
prateada como a cabeça do ancião sentado imóvel no
banco de pedra do adro do deserto

Ó espinheiro
De branca flor
Adorna tu a minha sepultura

O olhar macio
Doce e lacrimoso da noiva
Deslizava no corpo morto
Da torre em chamas

Se amanhã não houver nascimentos Se amanhã não
houver mortes
O mundo será mais feliz
Felicidade de um único dia

O amor é
Doença
Que nenhuma dor cura

Cai a noite A boda vai findando lentamente sem música
com a felicidade única do vinho Na rua principal do
povoado o silêncio O mesmo silêncio gelatinoso e
sepulcral do campo-santo onde dormem quimeras ósseas
de vaidade e nobreza sem vintém

Dói-me o corpo quebradiço em arco Não há para onde ir O
último navio fantasma esgueirou-se há séculos pela fresta
da porta de castanho cozida pelos anos doridos da guerra
Nele partiram todos os meus sonhos todas as minhas
transparências a minha vontade argêntea os meus
desejos laminados a ouro

Ficou este som de morte preso por um fio de inócua
aranha a desenhar a flor do mundo

Manhosa

Era o nome da burra
Que para toda a parte
Com seu dono ia
E dizia-se
Que com ele bebia

Morreu o dono
Com disenteria
Ficando a besta entregue
À viúva do falecido
Abstémia convicta
De beatice assumida

Certo dia
Velha e cansada
Deixou-se morrer deitada
E sóbria
À porta do cemitério
Onde o dono jazia

Trazia nos olhos
O brilho
Do alto mar

Em lume brando
Consumo este sentimento
Semelhante ao dos deuses
Na luz morta do luar

Cinza que escorre na palma da mão
Do corpo suado por águas escuras
Onde as vozes naufragam depois do exílio
Em barcas pelo tempo impelidas
Para as cidades submersas da solidão

Casamento na aldeia –

Amor prazer e a adolescência a desabrochar
Embragados de vinho novo

Se todos os livros morressem se cada poema mais não
fosse do que uma prece
Tu retornarias dos Céus e descerias da Cruz de todos os
dias

Ouvia a tua voz
A respiração doce
O som do leve sorriso inocente
A confissão de amor
De quem nunca mente

Não sabia que ia ficar velho
Que ia ser amado por quem não amo
Na Mansão do Mar
Em que na solidão e no espelho
Por ti clamo

Tarde demais
Perdi-te para sempre
Resta-me o meu corpo

Amo-te nas vagas da distância esmagadas pelos dedos do amor

Um cão danado no meu caminho Espinhos silvestres nos pés sangrantes de viandante

Não me respondes Já não ouço a tua voz

Amo-te e esqueço-te Afinal o esquecimento também é um modo do verbo amar

A aldeia da minha infância

É hoje a mesma aldeia

Com mais algumas *maisons*

Mas já não é a mesma aldeia

Que o meu coração em sonhos chama

Granizo

Na estrada de asfalto

Faz fumegar o calor

Esta noite

Sonhei com a imortalidade

Das almas

Com a estranha inutilidade

Da eternidade
Exposta à acalmia
De um mar excelente

Uma coluna de fumo
Negro passeia-se na Serra
Do Pisco
As labaredas lambem
Crepitantes
O solo ressequido
Tal chicote de escravos
De brasas aceso
Pedras
Giestas
Pinheirais
Tudo varrido
Pela boca do inferno
Num beijo vermelho
Convexo

Verão –
Chegam os emigrantes
Os fogos
As barrigas grandes

Seria tarde O mar abraçava amorosamente as rochas pontiagudas como folhas de navalha Um peixe prateado saltou sem destino Aerador no esplendor da tarde em flor Parecia um sonho transparente de quem cerrava lentamente as pálpebras à realidade fechando o livro de espuma aberto à sua frente

Anoitece
A rua está severamente calada

A penumbra de uma árvore
Estremece a calçada de cujo
Ventre nascem pequenas flores
E ervas de dias contados

Serão calcadas
Ao amanhecer
Pelos viajantes da alba
Que habitam as veias rurais
Da aldeia onde
A Primavera palpável
Há muito atravessou
O ocaso

A harpa do dia
Escureceu
À passagem da nuvem negra

O medo afastara-o das correntes traiçoeiras do Golfo
Navegava num mar interior sem princípio nem fim As
gargalhadas do mundo não o interessavam Ele era o seu
próprio alimento

Naquela casa
Tudo o que entrava e saía
Era ou compadre ou comadre

Dito com voz melada
A modos que arrastada
Ó compadre
Diga comadre
Ó comadre
Tenha a bondade compadre

Tanto compadrio
Tanta melodia sem harmonia

Que enfado

A areia ardia ao sol

O jovem animal
Corria
Voando dentro
Da visão da tamareira

Já não tinha amigos Desapareceram com a lúgubre
canção das flores do coval
Restava-lhe a cama de ferro do quarto vazio da choupana
e uma vela azul

Conheci-o descalço
Na praia
Em Verões e Invernos

A mesma camisa
Aos quadrados
Com mil e um rasgões

Dormia ao luar
Num batel azul
Morto na areal

Pouco comia
Habituará-se a um caldo
Frio uma vez ao dia

Dizia sonhar
Com florestas de velas
Longínquas

Infinitas
Como o mar

Olho para as gentes dos casais em ajuntamento de festa
ruidosa Copos cheios copos vazios de mil enganos A
mesma parvoeira de todos os anos enxutos
Não há espelho em que se enxerguem na máscara
estridente da chacota
Vão e voltam no tormento e na alegria dos ais da romaria
onde a consternação é trocada por vinho avinagrado
Nos pratos pintados fragmentos de frango assado
Nos copos com sarro restos de vinho descuidados
Dançam ridentes os aleijados Mancos marrecos
desconjuntados
Já são pó
Terra negra
Lodo
Excremento
Terracota
O funesto rosto da mentira
Envenenada
Como carta de amor por saltimbancos declamada
Por Deus tantos aldrabões enrodilhadores vigaristas-cata-
vento ali estão suados como negros escravos ao Sol
Sinto inveja Sim uma inveja ressequida e corrosiva do Ali-
Bábá que só com quarenta ladrões lidou
E não com milhões

A Lua desaparece

Lentamente no rio
Que a amansa e afaga

Vivem
Nos sentidos
Coloridos
Por mágoas
Clandestinas

Um oceano
De sensações
E projectos não palpáveis
Cativam
Os seios
Cheios
De cachopas
Seborreicas
Da avenida cinzenta

No jardim
Arredio
De amianto
Enfloram
As sombras
Da virgindade
Amortalhada

Alguém canta
Fado
Corrido
Desgraçado
Alguém joga
Meia dúzia
De tostões
Uivantes

Ao infortúnio

Ah a felicidade
Nunca descoberta
Nunca perdida

Trazia as rosas
Na mão deformada
Ela
A mais bela
De todas as rosas
De todos os roseirais

Na montanha
A Primavera perfumada
Rodeada de discípulos

A solidão
A dois
É o pior desterro

Vergonha azul
Ultramarino
País de marinheiros
Com sal
Nas golas e
Nas solas

Anda tudo a roubar
A navegar a fome do dinheiro

Vergonha verde
Esmeralda
Não haver já
Gente do mar

Quando eu morrer
Canta tu
Cigarra
Na pedra da minha campa
Rasa e calada

Ó Ana vem ver
Vem ver o vazio do oceano

Cuspo desliza lentamente nas mãos deformadas da cidade
plantada à beira-rio em terra de Sol desbotado

Tudo murchou
Nas ruelas
Becos
Travessas e
Vielas
Onde
Há de tudo
Menos
O que se quer
Ou se cata
Nas algibeiras
Octogenárias
Da virtude vaginal

Com medo do desejo
E medo do medo
Sendo curta a vida
É apertada a esperança

As mulheres desfilam nos desejos recalcados sujos de
impureza palpável das poluições nocturnas do último
eléctrico para a Baixa inundado de esperma viperino
A câmara dos comuns espuma pelas ventanas opacas o
misterioso anestésico da abjecção esventrada

Subo
A rua do Alecrim

Alvorece
A calçada adelgada
Nos cartões
Encapelados
Em pobres-diabos

Diz-me sussurrante
Bom dia

Mar alto
Arte de navegação
Solidão

O corpo inclinou-se junto ao altar dos sacrifícios
A luz do ensinamento penetrava na pele porosa e crespa alheia à
palavra e aos ditames da razão
Nunca mais seria o mesmo
O coração transfigurou-se
Os sentidos penetravam a essência das coisas mortas
naquele movimento incessante da Lua que rasgava

lentamente o véu do templo iluminando o fio de poeira
suspensa

Ele ali estava como também no odor húmido do vale e
para lá de todas as montanhas purpurinas

Nascera humano

Nascera homem na casta mais elevada

Em lençóis de linho ornados por rubis esmeraldas e folhas
de ouro escondidas no mais profundo dos porões das naus

Seguiu a religião de seus avós compreendendo sem
entender as escrituras sagradas e em tenra idade acedeu
ao Eu e ao Não-Eu

De si para si atingiu o seu próprio Si identificando-se com
o Sempre-Eterno

Libertara-se Tornara-se independente

Onde estavam os dois?

Não havia dois mas Um

Quantas folhas derramaram o seu sangue no solo ferido
pela ave do tempo até que o atingisse? Ninguém o sabe
ou saberá Nem mesmo o Um sem tempo e medida

Muitos foram os dolorosos nascimentos muitas as agonias
da morte muitos os espinhos da vida gravados na trave
mestra da Casa das Histórias

Agora restava a luz do meio-dia sem sombras

Sentara-se numa pedra de granito fosco aquecido pelo sol
ardente do pensamento

A mente divagava pelos corpos macios e expostos na
colina

A carne ansiava pelas sedas a esvoaçar no Oriente
lânguido efervescente e pelos palácios suspensos de fino
mármore

Os prazeres do leite derramado em coxas vivas e do
néctar sulfuroso das taças sem fim esmagavam cruéis
toda a ânsia de libertação no sentido da existência

Tarde o compreendeu

Cometia um crime contra si mesmo Era a sua perda e
destruição

O mais calamitoso dos delitos

Em vão citavam as escrituras que diziam sagradas Tão
sagradas julgo como os projectos góticos e modernistas
das pedras aguçadas por ponteiro retorcido ao vento do
Sul

Ofereceram como sacrifício um cordeiro inocente Do seu
sofrimento escorria vagarosamente sangue negro

Cumpriam escrupulosamente os ritos das basílicas como
quem quer contar todos os pombos da cidade suja

Adoraram deuses esculpidos pela imaginação delirante
dos profetas em noite de embriaguez inundada pela luz
ténue dos archotes das janelas adormecidas

Nenhum atingiu a libertação nem a iria atingir mesmo que
vivesse cem vidas de Brama

Fim de tarde

Encheu um saco de moedas de oiro ganhas nas travessias
do deserto de sal que lhe corria nas veias aquáticas e
lacrimejantes

Espalhou-as como pétalas aos pés do Sumo Sacerdote
Falsa promessa escrita com perfídia na poeira do céu
luminoso A bula encomendada nunca o salvaria
A libertação não tem preço
Nem qualquer acto astuciosamente construído sobre
alicerces de efémera compensação
Continuaria a nascer de mulher
A sofrer interminavelmente
Até que a ausência do desejo dulcificasse os seus sentidos
na Rosa dos Dias

Aquele que mergulhou o espírito no lago do conhecimento
e que percorre a vereda luminosa da realização
Renunciando ao fruto de todas as acções
Entende que só o pedaço de corda visível ao crepúsculo é
real
E irreal a serpente venenosa gerada por imaginação febril
Nem as águas sagradas e envenenadas do Ganges
Nem esmolas
Nem prânâyamas
Nem as acções ainda que incontáveis como todos os grãos
de areia de todos os desertos da terra
O conduzirão à presença de Brama
Apenas a discriminação entre o Real e o irreal
O desejo de libertação
A morte do passado e vivência do eterno-agora
Permitem que a escravidão seja reduzida a cinzas

Ele é a única Realidade –

Ilusório o Universo
Real o Si

O vento ruga nos pinheiros anões
Sibilante na urze rasteira
O rebanho junta-se a Poente da Casa da Floresta
Um cão encrespado fareja a rajada solitária
O Tecto do Mundo enegrece súbito
Grossas gotas de água tombam das encostas do céu
A chuva aumenta enchendo de água as depressões dos
carreiros desertos
O Pastor abriga-se cobrindo-se de telhas partidas pelo
gelo e murmura em esquiva linguagem o desconforto da
humidade

Calor tórrido
De Verão –
A oliveira sufoca ao Sol

A colina pintada de bafo quente amorna o casario branco
irremediavelmente disperso
Não há vivalma nas ruas apertadas por pedras de granito
cinzelado

A pequena taberna desbotada por estores amarelecidos
agita-se num único movimento do tasqueiro no tamborilar
dos dedos Balcão sujo de preguiça
Sem freguês a coisa manqueja
Tonéis cheios
Cubas turvas
Vasilhame empoeirado
No ócio da crise
O Taberneiro dormita no regaço da aldeia

Estamos
Constantemente
A enterrar
Os nossos
Mortos –
Gente
Sobre
Gente

Implacável
O Sol
Queima as telhas
Uma a uma

Abrasa
O perfume
Dos lírios
Ao meio-dia

Dá cor
Ao corpo
Nu
Perfeito
Junto à sebe

Um rumor longínquo
Brilha nas jóias espalhadas das sedas do Oriente
Um fantasma arcaico mergulha no mar da janela da ponta
Leste
Pousando em cada uma das árvores de cristal plantadas
nas asas das borboletas de jade
No leito arrastado pelo soalho o coração alegre-se em
duradouro êxtase
E a noite Oceano de Luz não findará jamais

Noite entrada
A vela chora grossas
Lágrimas rosa

Milho seco entre canaviais
Cavalos esqueléticos pastam restos de Verão

À beira do rio águas paradas de verde-sujo alimentam
árvores sobrepostas em crescimento selvagem
Um imenso silvado invade uma courela
Uma casa destelhada é o centro dos escombros
A mão pérfida do homem ceifou a beleza espontânea da
paisagem

Um Poeta à chuva
Exilado na solidão
Da Montanha Branca

A chuva de Verão
Cai na terra seca
Gretada –
Alagado
O lavrador dança
Tendo por par
A enxada

Tinha sido bela
Jovem
Soberba

Desejada
Agora velha
Descuidada
Sem graça
Ninguém a amava

O cãozinho dança
De patas no ar –
Pede-me uma carícia

A nortada sopra
Nas palmeiras
Que se agitam furiosas

Naquele tempo
Havia o café da praça
Aí se juntavam os pensadores e poetas da vila ribeirinha
Discutia-se o universo na cabeça de um alfinete
Um universo espantoso a esgueirar-se colossal para a
cabeça do pequeno alfinete de costura
Um universo infinito a nascer desse ponto minúsculo já
infinito

Fantasma quente dos tempos que não nasceram com o
big bang

Tinham existido tantas explosões quantas o infinito e a
eternidade comportam

O mundo era a bola da Eterna-Criança a rolar alegre
vistosa colorida em todo-o-sempre

Os filósofos serenos com as mãos pensativas nos dedos
expressivos do rosto

Os poetas escreveram um hino à Eternidade e ao Infinito

Um hino que ninguém entendeu nem mesmo eles poetas

Hoje já não existe o Café da Praça

Há a solidão da minha casa e das deambulações poéticas
e metafísicas sem combate

Barcos

Em doca seca –

Marinheiros de domingo

Se não convém o que digo

Se sou tido por louco

Se as minhas palavras são vento

Para ouvidos moucos

Se os meus actos alvo de chacota

Que me importa

Se ninguém me escuta

Se ninguém me bate à porta

Três pinheiros mansos
Aguardam solícitos
A minha chegada

Choro e riso
Na casa do lado

Vinho e dor
Na mesa de azinho

Até quando perdurará
A ilusão das túlipas tardias?

Prédio inclinado com antenas
Sobre o Rio Tejo –
Recusa-se a saltar

Era uma vez
(todas as histórias começam assim)

Um senhor conde
De fraca valia
Com searas
De aveia
E cevada
Com rendeiros
De fome apertada
À noite comia
Cercado de prodígios
Pratos de carneiro
Bebia vinho de maçã
Com as criadas dormia
Fossando até de manhã
Certo dia
No alpendre de bronze
Estourou
Banhado de sangue
E para o Inferno
Nada levou
Para além da merda
Que na agonia cagou

O moço era da aldeia
O mais escoreito

Montava com brio garboso cavalo ruço
Em trote grácil e perfeito

Paixão de virgens
Viúvas e casadas

Ruas ruelas becos e vielas percorria
À caça do fruto proibido mais desejado

E aí se dizia

Que pela calada da noite

Quando tudo dormia
Era pai de toda a bastardia

Áridos campos
Vazios

Farrapos velhos
Imundos

Casas entre ervas
E silvados

Abrigo de antigos soldados
Espectros de paz suspensa

Na Normandia

Uma espada flamante no bosque bordejado por trilhos
insondáveis fascínio de encantamentos O Outono é a
Estação por excelência e mérito conveniente à dormência
no sossego das folhas cor de fogo
O aroma a sangue dos castanheiros abatia-se sobre o
ribeiro das primeiras águas mornas No ardil das
lamentações a arca fechada Adversidade de dama casada
com marido distante enfadava

Mareava incerto em mares dessabidos e em terra deixara
quem augurava bem entesourada Forte como rochedo
Convicto como um deus em panteão fervente
Dobram trindades pelos seus taciturnos pecados
guardados a sete chaves de prata
Pão que comeu pelo Diabo amassado

As sementes germinaram nos passos caprichosos dos
peregrinos A vigília de amanhã arrastaria parte da
multidão para a Glória
Para o âmago do pélago
Porque a magnificência do primeiro e do último dia é
como cirro no céu bondoso sorriso de velha além-túmulo
com uma garrafa de água bem-aventurada na mão
Não
O Pai de todas as Vinhas demora nos cachos dos teus
cabelos ondulados de salgueiro
Entregue à Esperança suaste neve de Verão
Sim
Luz da manhã límpida no burel de morte que a vida
enternece sugada ao teu Amor
Céu Terra e Mar num enleio divino de hora ditosa
Seres sagrados
Nenúfar do Lago do Meio
Pássaro-paixão
Guerreiros sentados
Não tenho outros amigos senão vós

No princípio sobreveio violenta tempestade

O Corvo protestou
O sexo feminino foi esculpido num pedaço de terra regado
com granito a esvoaçar nas Ilhas Desertas
Filha de Homem cedo descobriu o segredo da Grande
Serpente
Caprichoso refugiou-se nas grutas de chamas sem fumo
no céu enegrecido O resto do planeta não era corpóreo A
carne da Terra nos ossos rochosos com o sangue a
escorrer nas mais perfeitas gotas de orvalho envolveu-se
com os Sete Elementos da cidade banhada por
esmeraldas pássaros de fogo
Aprendeu a pronunciar o Nome a dar as boas-vindas na
nudez revelada entre os dedos estanhados Com os braços
abertos à Divina Ausência de altiva beleza escutou os
auspícios ao despontar do Sol faminto nas asas da Fénix
Guerra
Estupro
Morte
Como haveria de cantar a sua Ternura? Como dizer que
da porta de sua boca arroxeadada apenas exalaria Verdade?
Que a sua Alma seria o cofre-forte de todos os Segredos?
Não voltaria a casa com o coração destroçado Pousaria no
ramo da Pomba Azul a contar horas de Sol na claridade da
noite
Sorrindo

Se parto ou não não o sei
A distância é a do biombo que nos separa
Da cinza do pavio aceso na escuridão de suaves tecidos
púrpura
A fremência do corpo em desesperança
A cama rubra deserta
Beijam-se as folhas de lótus
As nossas sombras sentam-se na colcha branca bordada
pelo luar

Arrastando os ponteiros da volúpia na eternidade do
encontro
Das nossas vestes suadas

O orvalho poisa nas pétalas
O rio é inundado por bolhas de chuva quente
Pérolas da madrugada grisalha
Uma truta acorda
Volteia
Esgueira-se na corrente das doces águas
Os insectos acordam curiosos
Rodeiam tudo o que é movente
Olho-te a meu lado
Corpo alado e sereno
Juntemos os nossos corações
De novo nesta manhã
Faremos florescer a orquídea selvagem

Pele negra
Brilhante
De africano odor
Na boca sedente
Onde se escreve
A palavra Amor

Foram muitos os teus amantes
Muitos invadiram os lençóis rendados do nobre dossel
Mas quantos te serviram em bandeja dourada o puro
néctar do amor
O êxtase de uma noite acordada à Lua?
Hoje nas montanhas distantes recordo o tempo pacífico
em que as pétalas caídas no teu leito nos envolviam em
afagos esplêndidos e as súbitas descargas de vento
faziam deslizar o sexo arvorado
Livre de todas as aflições mundanas

Teu olhar cai sobre mim como aguaceiro de Verão
Tem o cheiro de flores campestres aconchegadas à sebe
descuidada
Duma terra distante onde não há geada nos vales
Encontro de breves lúzios à luz do círio congelado
Sem significado

O mundo está prestes a terminar para ti
A cada dia cada sentido mergulha na escuridão
O Inverno estremece o corpo frágil que nenhuma brasa
aquece
Nada há que não finde
Nada
Há excepção do Espírito do teu Amor

Dias de espera
Sem hora marcada

Bastaria ouvi-la
A Ela
A desejada

Partira no último raio de Primavera
Deixando no seu lugar a penumbra do crepúsculo
devoluto
Na janela emoldurados os montes violáceos
A porta entreaberta aguardava o impensado
Corpo distante rosado de noites sem sono
Com a brisa do mar a acariciar a túnica de seda escarlate
moldada ao desejo
A desfilar no sonho Canção de Amor

Chegou tarde
O corpo aguardava tenso
Corda retesada de lira no vértice do movimento

Com os seus ramos abertos fecharam-se as cortinas
À luz das velas a nudez era mais nua e

Penetrava o tempo pacífico da alma no lamento de longa
ausência

A carne penetrante suava perfumes estrangeiros
Que choviam no interior dos corações inflamados
Banho de amor na Praia da Noite
Partilhado pelo desejo sem muralha
Na concórdia volátil do prazer

Na mesma cama
Olhámo-nos e adormecemos –
Nem sempre o Amor exige um corpo

Não me deixes nunca
Disseste
Vem comigo
Para um país sem gente

De mel vinho e leite
Onde o veado brama
O grou grita
E o leito faremos

De macias ervas e fetos
Como a neve de Inverno
A deslizar no colmo das choupanas

Vem comigo
Penetra-me para sempre

Amor Amante Amigo

Tinha algo para te dizer
Não o disse
Não te contei a minha orgiaca aventura
De corpo fatigado
Nascido na Flor do Mar

O Outono sossegado
Dir-te-á na paz
Dos ramos molhados
Que os dias contados
Não poupam os males de minha Alma
Pela saudade moldados

Este pássaro nocturno
Cego e perdido
Enamorou-se da estátua –
Amor perfeito

Tenho um minuto para te dar
Neste Amor ardente

O passado
Ave migratória
Cega e insolente
Até da memória ausente
Feneceu

O futuro
Como as lágrimas salgadas
É pena que te dou
Áspera e cruel
Em vida escassa e incerta

Resta este minuto
Em que se te não vejo tremo
Se te vejo temo
Se não te possuo para que vivo?

Sobeja este minuto Eterno
Consente-o

Os passos da mais bela de todas as mulheres
A doçura da voz
Brilho dos seios hirtos
Pescoço perfeito de beijos vorazes
Anca modelar pernas altivas
Sexo doirado
Mil beijos e uma única noite te peço

O poço negro
Cavado pelos escravos de nobres senhores
Preferido entre todos
Por cachos de suicidas amorosos

Nutre a figueira de frutos luzidios
Na última erecção dos Enforcados

À sua cautela
Pobres donzelas
Escudeiros de membros frágeis
Exalando o espírito de sólido reino
Em corações pela força trocados

Extasiada a deusa
Pelo jovem que a busca
Atento caçador na profunda brenha
Que de Amor morre
De Amor mata

Brame mar
Tu que arrastas as folhas soltas
Nas marés vivas da morte

Ruge mar
Às doces estrelas
Da madrugada silente

Esbraceja
Ensanguentado
Ao piedoso Céu

À vida que ceifaste
Pela chama de tuas mãos
No corpo que amava

Posso amar-te
Mas perdoar-te não

Na ponte de aço uma jovem
Em tempo de trevo florido
A Alma trespassada
Por Amor alvejada

A água negra do desamparo
Nos olhos ternos de orvalho
Diz-lhe
Vem
Serei o que te desabrigou
O teu eterno Amado

Não encontrei palavras para a tua Beleza
O nenúfar brilhava ofuscante
No puro vinho voavam os Espíritos do Gáudio
Madressilva ornava as janelas
Vieram grous e cisnes
Das urzes florescia perdizes
A noite cantava com a chuva cristalina
À terra encantada sem nevoeiro
E à Lua camuflada
O mar sulcado por barcos doirados
Mas
Não encontrei Beleza como a tua

Fitzgerald escreveu
Malditos sejam os que dizem mal das mulheres Que não
matam não traem não odeiam são fiéis escravas de seus
amores e mães de todos os homens Malditos sejam
Esqueceu o Conde a mulher
Que no coração
Dois chifres lhe meteu

Pele macia
Que minha mão toca
E meu coração esfria

O Segredo
Do nosso amor
Guardo
Do modo que desejas

Mas como quem ama
Não cala
Ao mundo confesso
Que em segredo amo

Como eram graciosos e brandos os teus gestos Melodiosa
a tua voz As tuas palavras lírios Os olhos negros macios
Fui eu quem em sangue vivo de Amor te desvirginei O
primeiro corpo fervente que amaste nos dedos longos da
descoberta
Onde estás Alma Deserta?

Suspeito
E não sei
Se esse teu olhar
É de amor
Ou traição

O corpo dela
Branco e sereno
De marfim
Jaz em profunda sepultura

A seu lado
Sentado na pedra fria
Em magoado apertamento
Aguardo o fim do Tempo

Não sei com quem
Te deitas

Pouco me importa
Com quem dormes

Não sei como te sentes
Nem se me mentes

Se em segredo tens prazer
Ou dor e tristeza

Se a visível pureza
É meramente aparente

E a tua leveza
É pecado indiferente

De quem ama gente
Sem gente escolher

Não sei
Não quero saber

Quero-te por uma noite
Desnuda
Plácida servil amorosa

Por uma noite somente

Os teus olhos ferem
Verdes implacáveis serenos
E quando mentem matam
O coração azul despedaçado
Pelo verde-traição

A quem ama
Mariana
Ninguém o sabe

Amante de amor
Não encontra

Não fora ela assim
Esquiva
Altiva
Oscilante
A mim me teria para sempre

Foram tantos os anos
Que juntos passámos
São tão poucas as lembranças
Do amor que o não era

Pergunto-me hoje
Nesta manhã cinzenta
Em que nada sinto ou lembro
Se o que dói é ausência
Ou tempo em vão desperdiçado

Rosto suave de avelã
Corpo a lavar no rio
Doçura da água corrente
Voz do Amor ausente
Na lã velha
Mil vezes à mão esfregada
Nos gestos brandos
De quem por ser pobre
Não sabe que é amada

Levou-ma
O Fado cruel
Fria
Em mármore
Deitada

Sem Ela
Já eu não sou

Desventurado corpo
Sem vida
Sem mácula
Sem sangue
Coração parado

Em pano
De fino linho
Levou-me
A Alma

A dela
No meu peito
Dorido

Para sempre repousa

Já não sou eu
A minha alma perdi
A dela tenho
Já eu não sou
Sou Ela

A neve caía
Aves brancas no Céu nascidas
O desejo ardia
Nos corpos nus

Que o gelo derretia
Se os olhos nada valem
Aqueles olhos
Ora verdes ora azuis

No meio da terra nevada
Eram espelho do coração selvagem
Do juramento da amada

Que se jura mente
Amor despido
Em alma cansada

Se o teu amor é perfeito
E a ele me sujeito
Perco-me e sofro

Porque de todos sou
O mais imperfeito

Na escolha
Em curta vida
E longa esperança
Enquanto busca

O amor que lhe apetece
Adoece a alma
Que não encontra o que deseja
E se aqui o amor teme

Ali espera o que a mata
Mais lhe valera
De tão cansada

Amar o que se lhe apressa
E entre verdes e macias ervas
Se lhe oferece

Desces
Ora desdenhosa ora lassa
Em imodesto bamboleio
Corpo voluptuoso
Perfeito
A despertar anseio
Nos olhos vibrantes da praça

Vaidosa
Soberba
Orgulhosa

Os seios quase descobertos
Oscilam
Como membros erécteis

Corpo apetecido
Que nunca será
Verdadeiramente amado
Antes usado
Como um qualquer objecto

Quem amar quer
Nada mais poderá querer

Se o Amor não prende quem quer
Mas a quem se deixa prender
Que tudo morra em mim
Menos o meu querer

As estrelas apagaram-se
O Sol inunda as rosas desfolhadas Os homens levantam-
se arrastam-se na estrada vazia e suja tais vermes
torturados pelo peso das nuvens a enegrecer
Dor sem sonho
Dor sem amor
Pergunto-me sonolento

De que lhes serve viver?

Como sorriem teus passos nas escadas de mármore
Carrara do Palácio do Diamante
À porta aguardo que me digas como é divino o nosso
Amor
Deus o sabe
Deus o criou
Pelos carreiros luzentes do mundo caminham estrelas de
puro cristal dando-se as mãos
(as estrelas também se amam)
O frémido de nossos corpos indemnes silenciou o Universo
Que sua Alma às nossas acasalou
Deus o previu
Deus nos uniu

As minhas mãos procuram-te
Macia pele de meus beijos alienados

Nunca te esqueci

Nem o louco desejo
Olvido por pouco que seja

E se em ti
A saudade é dor

Lamento-te sem panaceia
Ave de amor magoada

Lírio a murchar
Aos pés do Calvário
Vida do amar alheia

Lastimo
O mal que te fiz

Construíra castelos em ruas ermas Torres nos atalhos
Ermidas nos outeiros
Com a alma em cinza
Dolente pela atroz ausência
Da para sempre Bem-amada
De olhar enlouquecido percorria as veredas melancólicas
da saudade mortal
Procurara-a nas areias doiradas de inóspitos desertos nos
jardins em flor nas florestas virgens nunca antes por
humanos visitadas mosteiros e conventos
Ela o fulgor da aurora deixara no infinito a sua sombra a
benção de seu perfume na morte penitente do riso
Ele ficara na penumbra do perfil altaneiro a gelar a
imagem do sonho desfeito
Apoiado na Cruz da Agonia

Queima os meus versos
Não os leias mais
Que versos são palavras
E as palavras demais

As palavras mentem

Dizem querer o que não querem
Os versos enganam
Dizem amar o que não amam

Fixa o meu olhar
Espelhado a lágrimas
Vê como fala verdade

Nele não há falsidade
Erro engano maldade
Porque os olhos raramente enganam
E se mentem não olham

Noite pálida de Outono
No meu peito o teu coração repousa ao luar
Passos de Deus a caminhar
Por campos lavrados

Ponho-me a cismar
Enquanto teus lábios observo
Quantos homens não beijarei
Quando a ti te beijar

E penso
Poisando de leve minha mão
Nos teus olhos adormecidos
Que de Alma tão casta

Apenas brota pureza
E só pode ser falta ou pecado
O ciúme que sinto
Do teu prazer passado

Não sei de quem sou
Se sou de Alguém ou
Se de ninguém sou

Fez-me o Destino errante
Viajante de vastos amores
De chama viva
Em alma ardente

Moro no meu coração
Na verdade e em quem mente
Com o amor a caber na palma de uma mão

E se não sou de ninguém
Com alma tamanha
Sou certamente de toda a gente

Gosto da neve que cai a agasalhar suavemente as
vidraças do quarto quente
Do teu corpo desnudo nos meus braços de Esperança
Que cinges com esses dedos delicados
Doces e magoados

Juntos bebemos a nostalgia do Céu
As ondas vencidas pela amurada inerte
O beijo-mel dos astros radiantes
Nos lábios extáticos em cruz

Gosto do teu coração a palpitar
Da tua Alma
Luz de calma lagoa

Gosto e gostarei
Do redondo de teus gentis seios
Pousados no meu peito amado

Um Livro de Amor
Aberto no aroma
Das tuas mãos de marfim

Li-o alto em mim
Em horas de ardente febre
Passos dados no destino errante

Li-o em ti
Virgem doirada
Que na amargura
O Amor vespéral inflama

E se nas mesmas palavras
Não estão os mesmos corpos
Decerto está idêntico destino

De madrugada sonhei
Com a tua pele
Macia de menina
Com a tua face cinzelada
E cintura fina

Mãos frágeis
Boca de mil beijos

Apixonada
No leito de alabastro
Pelo Amor lavrada

Sonhei
E ao acordar
Vi-te deitada
A meu lado

E vendo
Que ainda sonhava
Por te tentar acarinhar
Não te encontrando
A tua falta chorei

Esperei no mundo ver-te
Sulquei mares
Cavalguei continentes
Terras estranhas
Estranhas gentes

Pensei ver-te
Mas não
Tu foste sonho
Foste miragem
Névoa a esfumar-se
Na ilusão
De brumoso horizonte

Continuo a procurar-te
Ora doce e esperançoso
Ora amargoso e duro
Sabendo que não irei achar
A que à luz do mundo me trouxe

Quero uma Torre
Altaneira
De grandes pedras armada
Com janelas
Para o céu viradas
Onde só entre
Quem sentir e conhecer
A palavra Dor
E também
A emoção do Amor
E se não houver quem as sinta
Quem delas nada souber
Que então
Não entre ninguém

Envelheço
E à noite
Sinto saudades
Estupidamente
Da mocidade
Dos amores juvenis
Impulsivas paixões

Triste
Penso
Que se voltasse a amar
Uma boca rosa e breve
Com milhões de beijos
Hoje a teria ainda

Porque a boca de uma mulher
Nunca deixa de ser linda

Eu quero amar
Amar suavemente
O Amor amar
Amar sempre

Com todo o meu Ser
Penetrar a tua carne
Chama viva da Alma
E ter-te e ter
O teu corpo perfeito
Nesta tarde calma
Neste Amor eleito

Bebamos a Vida
Em cálice doirado
A tua boca de canto
No canto da minha boca
Nossas bocas rubras
Juntas
Delícia e encanto
De vozes surdas

A Lua cintilou durante o dia exausto esmaltando o rosto
da muralha disfarçada de musgo verde-ácido
A maciez do ar propagava-se nos túneis submersos de
monstros e dragões povoados Ali o capim era mais alto
ocultando as ameixas serôdias que ao acaso cobriam as
nuvens subterrâneas perfumadas de jasmim
Caem ameixas
No cesto rombo do veneno
O Inimigo de Satanás aliado penetrou oculto na Casa da
Ecuridão onde cada pássaro noturno encarnava a Paixão
segundo o jade polido do ventre baixo das moças em flor
Em dó menor

Auschwitz Hiroshima Nagasaki –
No espelho circular
A imagem verdadeira da natureza humana

Apego
Aversão
Dualidade e conflito

Se o pensamento morrer
Há Vida
Se o pensamento viver
Há morte

Quem é não tem

Quem tem não é

Uma barca vermelha
No Golfo quente
Espalha flores de primavera
Por todos os que na profundidade
Em descanso sepultados
Têm seus nomes silenciosos
Em algas gravados

Tanto tempo a procurar Deus
Busca sem fim na vereda vazia

Afinal
Teresa
Em Ávila
Estava certa

Deus
Nas panelas da cozinha

O corpo embrulhara-se nas ondas da costa donde se
avistava uma casca de noz Havia mais banhistas praieiros

do bronze da aparência Uma velha muito velha enrugada
como ensombro ancestral toda vestida com chapéu de aço
e aspeito de quem está prestes a afogar-se nas areias
letíferas da arriba ouvia em rádio de mão o enredo de seu
sonho asfixiado em alheia novela

Num salto ergue-se um corpo majestoso como esmeralda
encastrada em rubi a vagar no espaço Seios descobertos
com gotas cristalinas Ventre arredondado como arvoredado
cuidado Cabelos ondedados à forma do prazer ajustados
O sorriso aberto de quem sabe despertar o anelo

A liana abraça
A árvore centenária –
Um braço seco chora

Os homens caminhavam pesadamente para os campos
descarnados Do nascer ao pôr-do-sol erguiam pesadas
enxadas sulcando a terra mãe impiedosamente
Chegada a noite adormeciam aconchegados por um caldo
quente
Tudo conformado ao poder e força dos braços tisonados
Até a miserável refeição
Na televisão ainda a preto e branco intrigas e ardis
políticos Mentiras e jogos de poder Justificação deplorável
da fome do cavador
E eles não querem saber Dói-lhes o corpo
Apenas adormecer Com a fome de hoje
Amanhã se verá
O que tiver de ser será

A serpente deixa a pele
No carreiro pedregoso
Carregando consigo o pecado original

Céu e Terra –
A Terra aqui defronte
Seca transparente
Ilha límpida do Universo
E o Céu
Lágrima de selvagem fogo
Diamante
Dentro de mim

Sim àquilo que é –
Seja feita a Tua vontade
Seja mal ou bem
Nem contra nem a favor
Venha o que vier
O que for
E o Reino dos Céus
Espaço infinito
Nascerá em ti

Imenso oceano de Amor
Na saúde da Alma

O Vazio é a forma
A forma o Vazio

Não há contradição ou conflito
Na sensação do Eterno

Quem quiser caminhar na Via
Não esteja nem a favor
Nem contra ela

E quem no seu trilho alguém me vir
Que diga –
Como vai bem nela
Que Ela parece ele
E ele se parece com Ela

Tinha
Como doença
Da alma
O apetite

E do corpo
Alquebrado
E frio
O fastio

Olha para a aparência
Das coisas em mutação
E pacificado
Penetra a sua essência

Na ausência de conflito
Germina a Paz

Deixara de procurar a Verdade
Seus olhos cristalinos apontavam o horizonte
Deslumbrados

Buscava a falsidade e a não-verdade
A sua mente era um espelho
O seu espírito não-dependente

O eremita

Deitara-se
Em enxerga de espinhos
Sem desejos
Sem dor

Feliz
Rejubilou
Nascera o Vazio
Que não era vácuo
Era Amor

A Ele nada lhe falta
Nada está fora Dele
Não tem metade nem centro
Reino sempre inteiro
Uno no múltiplo
Múltiplo no Uno
Sem apegos sem aversões

Desde manhã tão activo
Não entendo –
Nunca estive tão passivo

Na Grande Via não há que evitar escolher
Há que trocar
Seja o que for
Pelo Amor

Onde não há nem mal nem bem
Porque quem ama
Não erra
Não peca
Não engana ninguém

Decidi pintar a minha casa de amarelo-mostarda
Por toda a parte vejo
O que nunca antes tinha visto
Casas amarelas
Dezenas
Centenas de casas amarelas

Desisto

Aquele que persegue o desejo de tocar o manto de Deus
nunca o tocará
Por ser desejo
E o desejo muro fortificado
Quando as dez mil coisas já não exercerem nenhum poder
Voaremos em liberdade

Um pião
Rodopia

Um outro pião remoinha
Veloz no chão

O chão móvel
O pião imóvel

Quando chegarei aos Sete Céus
Quando atingirei o Reino
Quando deixarei de ser eu?

Ouvem-se os grilos em Sinfonia Fantástica
No fontanário deserto

Cigarras em acompanhamento harmónico

O relógio da torre toca a Ave-Maria

Passos
O Pedro
(um dos pobres deficientes da aldeia)
Mira-me com ar espantadiço

A Capela do Santo Cristo de granito amarelo milenar
Ilumina-se
No silêncio o tique-taque do relógio marca compasso
binário
As nossas respirações
A comunhão na paz sem orações
Palavras ou emoções

Serenidade de luz amarela
À porta da Igreja matriz

O meu corpo é o universo
Sou corpo-universo

Amo os outros como sendo eu mesmo
Agindo sempre como para mim procedo

A história da flor de Buda –
Quantas flores já eu ergui e
Como Ananda nada compreendi

Tem mil e um nomes
De todos o último aclamo –

Noite Escura

Os sentidos estremecem como canas ao vento Sul
O pensamento aquieta-se na fúria do vendaval

No mais cavado de mim
Um mundo errante por descobrir
Espectro do porvir

Para além do além está o Além
Para além de mim estou Eu
Também

Nessa hora em que nasci
Sem que eu soubesse porquê
Minha Mãe sabia
Que meu Destino
Seria
O do Filho
De José e de Maria

Choram nuvens
Na mais alta penedia
Do Monte Santiago
A dor do Céu ensombrado
E de seu Filho amado
Em lágrimas de sangue divino
No meu regaço jorradas

Morria de saudade
A pobre velhinha
Na aldeia deserta

O filho partira
Era doutor na capital
Casara com filha de ministro
Era cunhado de cardeal

E agora esse
Vergonha tinha
De quem fome passara
Para que Fortuna tivesse

Dobram os sinos Senhor
Chamam-nos Zacarias Ezequiel Jeremias Job e Isaías

Na agonia gemente
Das crianças sem baptismo
Que são Ser e Gente
Nem crente nem descrente
Que à fome deixamos morrer

Dobram os sinos
Penitentes
E com gélido sorriso
Em vendaval de sangue
Abrem-se as Portas do Paraíso
Às almas de luto vestidas

Diz-me Avó
Onde está o Avô
Que já comigo não brinca
Ó criança encantadora
Já cá não está
Morreu sabes
E numa barca ornada a ouro
Partiu para o Céu
Onde brinca com Jesus
Com sua mãe Maria
E seu pai José
Volve a criança
De loiros caracóis
Se assim é
Deixa-me ir também
Para o lugar onde está
Porque aqui na terra
Já me aborrece brincar
Com esta gente sisuda e má

O vento passa e sorri
Geme ruge ri

Arranca das árvores os braços
Das portas os barços

Destelha casas e currais
Faz as velhas dar ais

E por rezas do Bento
O vento veio o vento vai

Dá-me a Extrema-Unção
Sei que estou vivo
De saúde aparente
Mas quero morrer hoje
Hoje mesmo
Para amanhã
Nascer de novo
Alegremente

Falava e dizia
E teimava
Que tudo sabia
Mas do que falava

Pouco ou nada
Se aproveitava

Há almas brancas macias imaculadas
Irmandade dos Impolutos
Há almas negras escuras negrume
Da sujidade
Há almas cinzentas com lágrimas dentro
De luto
Há almas boas sensíveis amáveis
Compassivas à dor
Há almas pérfidas pouco amigáveis negociáveis
Do desamor
A minha
(julgo eu)
É assim-assim
Listrada a verde e a carmim

As ondas crescem
O mar revolto
Faixa negra no horizonte

Ao leme ao leme
Gente
Não há braço que aguente

Riza a Grande
Recolhe a Giba
Iça o Estái

Estalam chicotes
Na espuma desfeita
A morte espreita

Força ao leme
Diabo
Proa ao vento
Prepara a Capa

Desabam cristas
A meio-navio
Há mar fora
Há mar dentro

Medo
Orações caladas
Balbuciadas
Ais ao vento Norte

Montanhas de água
A desabar no convés

Patrão veja
A escota ensarilhada
A Grande rasgada
O Estai de viés
Que Deus nos proteja
Já vejo a Morte
De azul vestida
De espuma ornada

Também as rosas
Choram e padecem
Quando o céu desce às árvores

E o verde musgo brilha
Nos teus olhos

Choro e não sei porque choro
(ou talvez saiba as razões)

Choro e lamento
Já fui forte
Hoje o não sou
Não me conformo
Em terra de ladrões

Choro

Porque há quem em segredo
Chore da alma
Com o rosto erguido e a face calma

Porque este mundo é bárbaro
Bruta fera em covil grosseiro
Vento agreste a arranhar pele de cordeiro

Porque os governantes são feitos de pedra dura
Que nenhuma compaixão perfura
Imunes à dor na carantonha disfarçada

Porque há crianças que morrem de fome
Porque há mulheres que morrem de amor
E homens que morrem de dor

Porque há mulheres maltratadas
Escravas Violadas
E crianças abusadas

Porque há homens a sofrer

O pão que outros comem e
Que eles haviam de comer

Porque há guerras que matam
Estropiam e decepam
Os que com ela nada têm a ver

Porque há tocas de oiro para os prestigiosos
Fortes e poderosos
E para os oprimidos masmorras

Porque há os que morrem de saudade
Num quarto de solidão da cidade
E são encontrados a apodrecer

Porque há crianças que morrem sem ter brincado
Sem ter reinado
Sem um único sorriso

Porque há Irmãos crucificados
Na justiça cruel e sem siso
Por crimes por outros cometidos

Porque há tristeza e ansiedade
Há melancolia depressão e agonia
Em gente miserável do dia-a-dia

Porque há quem noite e dia chore
E veja na cova funda
Seu maior consolo e alegria

Porque há poetas mortos
Que me dizem a chorar –
Ama e não queiras o mundo mudar

Porque no meio de tanto pecador
De tanto culpado
De tanto criminoso
Também eu o sou
Por consentir no pecado
Que me passa ao lado

E me provoca Dor

Mais uma manhã tardia a admirar os compradores do mercado cinzento Neblina matinal e frio húmido Encostados às paredes marmóreas e coçadas do café Bugio íamos alvorecendo lentamente entre monossílabos e escassos ditos arrojados ao encontro das janelas ao abandono cerradas

Alguém articulou uma ou duas frases esbranquiçadas acerca da morte como quem refere pernas esbeltas em curtas saias rodadas a esvoaçar à brisa favorável ou o verde das hortaliças frescas e asseadas ou o aroma do peixe de olhos esbugalhados das bancadas do primeiro piso a devastar as narinas das jovens criadas violadas pelo eflúvio do *tabu* e pela sudação sováquica dos amos excitados à vista de pasto tenro Bancas pétreas e algentes do pão nosso de cada dia para uns e da abastança para outro tipo de gente

Convivíamos quase quotidianamente com os carros fúnebres e lúgubres ataúdes gatos-pingados viúvas de branca face em invólucro negro a desmaiar ao som do *Requiem* de Mozart mães e pais de jovens destroçados em campanha nacionalista do sem-sentido ornados por bandeiras verdes e vermelhas Homens de farpela preta consumidos por cigarros sucessivos (naquele tempo era de homem fumar e esfumaçar não matava) noite fora na Capela da Misericórdia com o deleitável jardim envolvente antecâmara da viagem gratuita para o Paraíso que morava uma rua acima Aí havíamos brincado com pobres mas coloridos bibes às guerras e às mortes reinando sobre todos os mistérios Os tempos haviam mudado As mortes eram fiel acompanhamento das horas a morrer Uns iriam para França ou diziam querer ir para não abalar para o quente inferno do Ultramar Outros a querer voluntariamente partir perseguindo uma Cruz de Guerra

de 1.^a Classe ou podendo ser a Torre Espada com Palma
honrada com transmissão televisiva a 10 de Junho

Ele era como todos nós

Dezasseis anos talvez

Eis que magistralmente diz –

Já posso morrer

Pouco me importa

Não me assusta a dor

Posso morrer

Já fiz amor

Olhámo-lo assim como que dormentes Fitei-o nos olhos
negros luzentes Alcancei em parte o leito de sua alma Não
queria morrer sem o fazer sem construir a cúpula do
júbilo e do prazer Do modo como o fizera poderia partir
sem medo sem condecorações

Passaram-se anos tantos anos desvarios erros pecado
luxúria delírios lascívia e desacertos Agora entendo-o

Para viver é urgente Amar

Só aquele que ama vive

E existe

Sempre

Sem cessar

Viver é Viver de Amor

O Amor presente

O Amor sempre

E assim

Viver para amar

Eternamente

Alentejo –

Uma árvore

Única

Na tórrida

E vasta planície

Boa tarde Irmã

Comecemos
Por cantar
As Musas
As castas
Esposas
Dos deuses
Em loa
Ao luar

Na planura
Sul
Do vento
O prodígio circunciso
Dos longos
Dedos desflorados
Amarelos de altar
Em folhas de oiro
Pintados
Dedos
Fantoches
Do sono
Da Primavera
Tombada do corcel
Imperial

As mãos do homem
Não as tocam
Não lhes sentem
O odor
A árvores soberbas
Alicerce do mundo
Com tenda montada
No abismo

Dos jardins assombrados

A Desgraça
Força a entrada
Em portal
Que se não abre
A Esperança
Come a cor
Das flores
Hospedadas
Nos descaminhos

Musas de corpo
Em eflorescência
Alma que discorre
Que não corre
No muro abandonado
Ao pedregal
Da tarde
Que no leito
Se estende e
Murcha
Com os olhos
Na mão violeta

Ali ao lado
O veado
Brame à cria

Quando te queria
Também eu por ti bramia

Árvores pedem
A chuva
Do passado
Remoto

O laço do tempo
Desfez-se
Fera de sombrio
Burgo

Serenos
Graciosos
Fibras chamejantes
De espírito de marfim
A navegar sem confiança
Na terra
Descuidada

Árvores pedem
A chuva do futuro
Em solene esquivez
De amor vegetal
Indómito
Pó
Ruído de janela
Sussurro de cortinas
Cruas
Escritas
Em versos nus
De livros antigos

Árvores pedem
E não sabem
Que a chuva
Taciturna
Só desce à savana
Em terror mudo
De mofo

Na boca
Esmaecida
Pelos folhas
Do tabaco

Quando ficar velho
Tudo se há-de afastar
Até a própria velhice
De mãos dadas
Com a mocidade
Tudo me há-de abandonar

O sonho tem avenidas próprias no rumo incógnito da
palavra ilusão O sonho tem asas e um puxador que o abre
a meio do sono intranquilo e revoltoso
O sonho levava-o ao altar do afago na derrota bem ou
mal estimada
O sonho entristecia-o
Faltava-lhe a realidade dum embate
Dum olhar aos pés do sacrário
De lábios em lábios esmagados

Dança de palavras
As palavras
Les mots
(como eu sei francês)
São angélicas
Borboletas
Aeroplanos descendentes
Que morrem às mãos
Do reino
Carregado de ferros
Galopantes e
Afiados nas montadas
Dos cruzados
Fosforescentes

Sílabas de paraísos
Perdidos
A planar no último
Dos azuis
Carbonizados
Estranha surpresa
De barco no mar
Revoltoso
Em cúpula
De alabastro
Desaparecido

São palavras
Nuvens
Almofadas
Fecundas na rápida
Loucura
Da distância
Bruxuleante
Falsas e incertas
Que por nós passam
No ecrã gigante
Da memória
E das promessas
A calcorrear as estradas
Do impossível

Será que podes
Quanto queres
E o que queres
Se deixa poder
Ou o que se pode
Se deixa querer

Talvez seja assim
Talvez não

Se o que se quer
Não se pode
E o que se pode
Não se quer
Se se quer
O que se quer
E o que se pode
Não se quer
Que se queira
O que eu quiser
Para que ninguém
Seja Sofrer

Caxarias –
Como me parece longa
E sem fim esta viagem

Os jardins
De São Pedro
Junto ao Oceano
Foram invadidos
Por maresia
Pelas raízes
Dos corpos
De velhos navegantes
Cabelos orçados
Ao Norte
Cariados
Nas pedras submersas
Abismadas
Onde vagueiam
Cardumes de douradas
Cantando o silêncio
Dos túmulos
Errantes
Como gaivotas
Em noite de temporal
Desfeito

Manhã de Primavera
Um manto de neve

Nada se move

A lebre acorda
Deixa pegadas
Soltas

No espírito do gelo

Quero construir
Uma cabana
De troncos
Onde poisem mochos
Em torrentes sem fim
Onde meu Amor pesque
Nos fundões
Nos baixios
E o aroma do vinho
Novo
Como nova é a hora
Paga com moeda
De sangue
Ilusão desvanecida
Nos ribeiros
De mansas águas
A escarnecer
Os grãos de pão
No vale semeados
Pela Amada
Sem nome

Oh as sombras da noite
Nem medo nem amor
São apenas sombras

A Imaginação
Do Poeta
Tem de ser
Maior do que o Universo
Mais violenta
Do que uma noite de núpcias
Mais amorosa
Do que um corpo
Vestido de vermes
E ao frio tremendo

Estar na primeira fila
Primazia outorgada
Ao valor
Desvalido
Do agora
Assim
Consolação da morte
Na desgraça possível
Do gancho de jade
Da flor selvagem
Sobre os montes
Enobrecidos

Versos
Verdade das coisas
À beira das margens
Do Rio Negro
Onde despes o corpete
E banhas as veias
Brancas
Com doce mel
Cristal a reluzir
À voz do Outono
Em terras alheias

Quadras
A desfazer rosas
Enquanto o dia
Leva a noite
Nas luzes das estrelas
Para a orla
Da floresta calada
Onde as espigas
São aos molhos
Na passagem
Para outra vida

Marinheiro
Sou
Com Amor
Poeta
Não
A minha Alma
É do Mar
Do Oceano sem fim
Da glória das vagas
Para onde os Corvos
Voam
E dizem
A vida é o dia de hoje
A vida é o dia de hoje

Campo seco
Abandonado

Tristeza do velho lavrador
Que chora em segredo
A morte do seu suor

Quando o amor
Se transforma em sonho
Nada lhe falta
Nada há a acrescentar

Se do sonho acordo
E o sonho despedaço
Por estar desperto
O amor fica incompleto

Corre menino
Corre
Atrás da bola
Enganado

Sonha agora
Que quando grande fores
Não serás famoso jogador
Mas desempregado

Promessas de amor
Em corações perdidos
Palavras vis
Na penumbra de mãos amigas

Com tanto para dar

O leito perfumado
Velas incendiadas
Camisa de cetim bordada
Toalha de linho
À cabeceira
E palavras donzelas
Na frescura
De um sorriso

Dias de pranto
Dias do mal
A medir os erros
Que se esquecem
Nas frases
Escritas em ramos de cedro
Que o lume irá queimar

Canas aos céus rondam
O sepulcro
Com arcos flechas
E trevo florido
Onde os veados correm
Fugindo ao teu olhar
Estertor
Esmagado pelo peso
Dessa Dor
Que na morte
É morte
Recompensa de quem tristeza
Ganha
E infelicidade
Não pode mudar

Promessas vãs
Em vida esguia

Um pobre mendigo
Come em marmita amolgada
Uma sopa tão fria
Como as suas mãos nuas

Saudara a mentira arrostada nos lençóis de fina cambraia
O amante viera longínquo e exausto como réptil em águas
turvas
O quarto púrpura
À luz de círios erectos absorvia o odor do segredo
E o desenho fulgurante dos corpos nas pregas
enrodilhadas da coberta estampada decorava as paredes
nuas e confidentes

Estou sempre a correr mundo
Na mesma direcção

Quem viaja se a viagem sente
O mundo percorre indiferente

Era inocente
Trazia-o preso
Por um beijo quente
Oferecido
Na intimidade do rosto

Funda verdade
No Dia da Ternura
Incircunciso
Ei-la
No seu voo de falcão

De Amor ninguém
A tomaria
Arredondada
Rolava
No seu coração

Lá se vai Amante
Outro e um outro
Penas semeadas
Na noite ampliada
De planícies em flor

Um ano e um dia
Chegaram com o som
Da flauta
Dor que a alma toca
Numa única nota

A vida entristecia-a
Agora
Megera incontrolada
A quem ninguém
Um beijo dava

Na cidade grande
Tudo passa
Na rua apinhada

Ninguém olha
Para a criança abandonada
E chorosa

Resineiro sem seiva em noite escura alheia ao luar Onde
estará o colmado de sua amada?
Os seus seios nesta hora exânime serão a imagem em
chamas de seu coração Onde estará o colmado?
Que Deus lhe valha no dédalo cruel antes que Ela seja
fogo e cinza

Ah o luar de Verão
No gosto da brisa
Que apaga a luz da lanterna
E ilumina de branco
O meu coração

A minha canção

Pobre canto
De quem ontem nasceu
Na Rua da Escravidão
A sonhar realeza
Imensa potestade
De vitória
Incessante entre mim
E a desventura árida
De meia-noite cavada
Na voz das árvores
Lâmpadas de açafreão
A cintilarem ao quotidiano
Da saudade

Desviando os olhos
Suspirando breve
No âmago dos ossos
Descarnados
Nadei nas tamareiras
Defuntas
Como crianças convencidas
De miragem num deserto
De trevas encarnadas

Tu que a terra deixaste
Diz-me
Sem rodeio
Onde repouso eu
Nos séculos de espaços amplos
E tempos encobertos
Eu que nasci
Que morri
Ao fumar um cigarro verde
Na cadeira rubra do café
Bisbilhotice
Inundada de luz eléctrica

À noite no terraço
Em noites de Lua Nova
Nada vejo do mar

Só o odor a maresia
Me faz saber
Onde estou

O desejo repartia-se alígero na pele seca
A noite escurecia mergulhando nas vidraças viradas ao
mar
Uma estrela movia-se lentamente entre o leito desfeito e
revolvido por corpo em agonia e a linha quebrada do
horizonte nublado por riscas de sangue opaco
Ninguém vinha
Acomodou o coxim acomodou-se a si
Na camisa de cetim em desassossego ardente citou o
sono distante
Não haveria quem pudesse condenar os sonhos nascidos
do sexo latejante

Sofre-se
E
Morre-se
Por um punhado
De moedas

Manhã monótona
Um Ferrari amarelo desliza
Onde pequenos meninos caçoam
Aos pobres e aos ricos
Gigantes e anões
Príncipes e princesas
Médicos e doentes
Marmelos ao faro

Um banco gigantesco de jardim
É a marquesa dos instantes
Dos diagnósticos públicos
Com o relógio do peito
A contar palpitações
Aos apressados
E aos que chegam sempre tarde

Mão que cobre mão
Mãos que se escondem nos bolsos rotos
A delirar nas bocas
De rubis

Um relâmpago na noite
Ilumina a Serra –
Primeiro dia da Criação

Estou em casa
Cada vez
Mais sozinho

Não porque o não queira
Mas porque o quero

Poderia dizer –
Aqui jaz
Em vida
Sentado
Em banco de noqueira
Quem só se diverte
E só em paz está
Deixem-no estar
Não se atravessem
No seu caminho

A neve derrete –
Do boneco
Sobeja uma cenoura

O vento chama-me ao rio
Ao lodo das margens secretas
Onde braço com ombro
Te farei insondáveis

Confidências

No vaivém da maré o rio chama-me
Pelo nome

Um mergulhador emerge
Sem rumor
Sem notícias do corpo calcinado entre pedras
Enredadas por troncos imolados
Cicatrizes negras de tempos
Passados

Nas margens com um só beijo
Aprendera a palavra Amor

O mergulhador foi-se
E eu sorrio
De todas as alegrias
Sonantes
Que libertam a terra escura
Dos seus algozes
De todos os beijos
Semeados
Em terreno fértil e seguro
Como trigo nas searas
E sangue nos recém-nascidos

E há os Mistérios
Nos ramos dos salgueiros
Assombros amorosos
Chorados ao luar
De Agosto

No rio na antiga ponte de pedra surda
Aprendi numa vertigem a palavra Morte

A teus pés Amor
Rezo esta oração
Marca do poder de Deus
Na muralha imberbe da existência
Donde brotam ramos
De macieira florida
De brancas flores

Sonhei
Que te dava
Em branco
Este caderno
Ferruginoso
Onde escrevo

Dar-te-ia com ele
As mãos do olvido
Em desabrigo
As memórias do esquecimento
Cor de verbena
Assombrada
Ao sol claro
De Primavera
Quimera
De poema solitário
Nos versos de ninguém

O mar morreu
Já não tem espuma
Nem ondas
Nem marés
Morreram-lhe as lágrimas
Salgadas

E este caderno
É teu

Há dias
Que o sino não toca –
Teia de aranha no badalo

Chamaste-me Irmão
Baixinho
No giestal
De nosso coração

Fechar os olhos
Devagar
A adormecer a colina
Terra de rosas e jasmim
E vi-te
Bela
Corpo de vinho e pão
Em humilde vestido de chita
Debruçada no lago
Graça
Das fontes abertas
Sobre a brisa
Lânguido beijo
Sombrio
Em tarde doirada

Sol suave a aguardar

O silêncio do luar

Golfinhos no Espichel
Saltam cruzando a proa –
Hoje o Mar está feliz

Anseio de Infinito
Sede de Eternidade
Numa tarde de Outono
Com folhas a cair
Vermelhas
Violáceas
Doridas
Deixando as pobres árvores
Despidas

Na casa caiada
Branca
E ainda amarelada
Pela linhaça
Há uma luz que se acende
E aquela gente
(não os conheço nem sei sequer quem são)
Talvez estejam a rezar
Nos últimos tições
De braseiro de cobre
(penso)
Da pequena saleta de inverno
Protegendo-se do Inferno

Que na Missa do Galo
Devem ter ouvido pregar
Esquecendo-se que o Céu
Está moldado a estrelas
E o mar
Um brasido a crepitar

As cigarras cantam inebriadas
Ouço-as cantar na colina submersa por ténue névoa
Chamam-me à vida
Chamam-na também
Os meus versos
A Ela que não vem

A Lua de Inverno
É a mais bela e
A mais fria

Ah essa febre que me vem
Que me entristece
E incendeia a tarde
Que desce sobre o mar
Bebe-a tu Amiga

Faz teus os meus espinhos
As minhas mágoas
Meus lamentos
E saudades
Porque o marfim da tua alma
No alabastro de tua pele
Não consente
Ferida desventura
Febre ou amargura

Folhas secas
Sopradas pelo vento
Mudam de lugar

Daquela rocha viva
Tudo víamos
O que se pode ver
E o que não se podendo
Se imagina

Vinhedos corriam nas janelas
Com as folhas vigilantes
Ao furto de seu fruto

Viriam as vindimas
Com homens cheios de sarro
Pela calada da aurora
Lâmina afiada
A violar o teu tesouro

De tantas e tantas
Almas arredondadas

Viriam para as acarretar
Espezinhar com violência
Animalesca
Embriagados pelo desejo
Torpe vício
De quem sem sede
De seu pomo se sacia

Constelações vagueiam
Estrelas errantes
O luar penteia a seara

Na colina prateada
Reluzem cintilantes
Os olhos furtivos da raposa

Cada homem tem um tempo
Que está por detrás de tudo
Ânimo esquecido de pássaros
A roçar ao de leve nas telhas
Do casebre do outeiro

As estrelas também têm o seu tempo
Como o orvalho pousado nas folhas amedrontadas da
berma

Do caminho calcado pelos pés acorrentados dos poetas líricos

Na adega fresca e sombria estão os mortos
De antigamente
Juntos com os de hoje
Bebendo em taças com fezes de vinho
Mágoas cadentes
Estalactites pendentes dos astros do firmamento

Alguém chora escondido
(não posso nem devo dizer-vos quem)
Agasalhado em velhos jornais e cartão
Donde nasce acorde de viola
Como corpo de mulher a gemer e a trinar

Não chores digo
Vamos juntos mendigar o Amor

O meu corpo flutua nas águas mortas
De sal
Todos os corpos de sal flutuam nos seus semelhantes

Na pradaria um Bisonte desmarcado Juba luxuriante
Barba exuberante Ombros altos como possante homem
das estepes Nas omoplatas armas letais
Afastara-se da manada apesar de ser macho dominante
O mundo a seus pés

Cavalo Branco seguia-o nas terras de caça
Afastando-se do acampamento de Verão

Na tenda
À porta
Triste e sofrida
Sua amante
Ave Vermelha
Esperava

O Búfalo alado voava
Voava
Com Cavalo Branco
Esgotado

Passaram anos Anos e anos a cavalgar em manta gasta
Numa mão a imagem do Bisonte
Na outra a da Amante

Fora vencido
Queria voltar
Ao lume doce da sua tenda
Aos braços de sua Amada

Nunca conseguiu encontrar o caminho de regresso
Morreria de saudade a florescer no coração
Com Ave Vermelha a definhar em choro de dor

Já não era Cavalo Branco
O Grande Guerreiro
O Caçador

Seria eternamente
Saudades de Amor
E seu nome
Saudades Sempre

Entregaram-me ontem
De novo
A Chave do Oceano

Há meses que escotas e adriças me não correm pelas
mãos calejadas
Afinando o rumo aos teus seios salpicados de sangue

O mar bate nas costas de ilhas despovoadas
Que se encham de pedras negras
Raiadas
Roubadas às praias rochosas e desertas

Aí vivem fantasmas de marinheiros mortos
A entoar em coro a triste canção do velame despedaçado
E do tabuado negro à deriva

E à noite
Quando as ondas se desfazem em longas cabeleiras nas
praias
Ouvem-se nas canções longínquas
Os gemidos dos Navegantes

Na Grécia
Um cão vai à frente
Na manifestação

Sabe o que quer

Por cá
Nem cão
Nem gente

Terra de boi manso

Estou cansado

Pareço ter esgotado todas as minhas possibilidades

Este mundo já me não seduz

Prefiro amar
Amar amar
Até que a fadiga final
Me consuma

Com uma rosa
Na mão direita
E na esquerda um cravo
Vermelho

A Esperança
No coração
Em carne viva
Até que seja cinza

Vieste visitar-me
Esplêndida

Eu
Abandonado ao mar

Mare Nostrum

Para orquestra e piano

Nomeio-te Rainha

De aquém e além Oceano

O mastro da Grande

Toca as nuvens

Com brandura

Nuvens baixas

Com cabelos de prata

Ondeados ao vento de Leste

O luar varre a vaga

Lanternas de mil barcos

Em vigília sonora

Com velas remendadas

Tremulando

Pôs-se o Sol

O frio veio

O medo mistura-se

Com místico prazer

Das flores coloridas

Que à superfície

Toldam o azul nocturno

E a luz cristalina

Reflexo áureo

Da corrente

Quente

Das lágrimas de pedra

Morria de Amor
Em dor
E tédio
Que sem tamanho ou medida
Não podia em caso algum
Ter remédio
Consolo e cura

Bem meu
Amor da Alma amado
Face da cor da neve
Permite-me
Que te furete o coração
Para que no meu peito em sangue
O meu possa
Bater leve como o teu

Os ventos amainam
Os verdes campos serenam
Ficam as serras
De urzes e giestais floridas
Quando de amores
Por ti perdido
Sobre mim teus olhos
Se demoram

Ó vento triste
Como eu
Sem mulher nem amante
Duradoura

Alma cansada
Da mudança
De muitos amores
Com enfado modelados

Nas serras as cores pintadas
As fontes claras como vidros
Em espelho laqueadas
Os cabelos a esvoçar transparentes
Uma mulher outra e outra
Estátuas vivas da volúpia
A abrasar a neve
Leve e suavemente

Vento de muitos amores
Meus
Teus
Até que a morte nos apague
E acenda
Porque a brisa que ofusca a luz
Também a anima

Uma brisa adocicada

Corre pela janela

Passa suave pela mesa
Transfigurada em poema

Erro no mundo
Em actos e passos

No mar sem fim
Na terra oculta

Por montes
Névoa
Chuvas

Erro

Grito desolado
Na charneca
Encurralado nos jardins
Do Palácio da Morte
De nuvens móveis ornado

O vento assobia
Rasga o peito à neblina
O que é vivo já sossega
Na solidão
Que se carrega
E custa a suportar

Crisântemos de Outono
Mulheres de jade
Amor perfumado
Do amar exausto

Às vezes
Amar
Pode cansar

As cigarras
Como as raparigas na eira
Cantam desgarradas

Sonho
Que voltas

Que o Amor retorna
Nos teus braços brancos

Que o meu olhar vagueia
Dolente no teu corpo

As gralhas ao crepúsculo
Anunciam
A tua vinda
Por caminho rasgado nos abismos do mar
A estender-se na longa e infinda estrada do Céu
Onde se não te encontrar
Sempre te verei
Em noites de luar

Este mundo
Desgasta-se
Como a corda dum relógio

Relógio
Varrido por borrascas
Alimentado por fogos-fátuos
Por combates na planície gelada

Relógio
Atormentado pela saudade
Do velho soldado
Nas trincheiras

Relógio de passos
Pesados
Lúgubres
Da idade
Da fome
Da melancolia

O relógio
Uma arma
Uma fotografia ao lado
Uma lágrima pesada
Plangente
De sangue suada

E a Dor
Pontual
Sempre às mesmas horas
Num relógio avariado

O meu Amor veio
Canção de veleiro no mar –
É urgente orçar

Anoitece em alto mar
Eu
Sozinho
As velas
As estrelas
Tartarugas
Golfinhos

Um corpo
Uma vida
Um sonho
No orvalho do convés

O mundo acaba
Quando a Vida acabar em mim

Há dias que a chuva

Não pára –
Parede de água

Na fonte
Velhas encharcadas
Enchem os cântaros

Enquanto uma rapariga
Lava no tanque
Por telheiro abrigada

A criança brinca
Com os meus dedos

Desfolha-os

Conta-os

Interroga-os

Como é belo
O seu brincar

A sombra do gato
Atravessou a parede
De estuque

Tivemos um sonho

Um homem rasgado ao meio passeava-se em calçada labiríntica Havia veneno no tecto ao entardecer

A Estrela da Manhã impedia qualquer pensamento feliz ou contente o que lhe agradava a ela estrela porque o silêncio do Cosmos não se compraz com ideias cimentadas no chilreio do cérebro Que fechasse os seus botões de algas para que alegre fosse o homem largo de ombros corpo de boi em bardo de fibras ardentes de teares polidos

A manhã estava serena e tinha os cornos afiados ao sol obscuro no rosto coroadado de desgostos e pecados do dia nascente O cárcere era redondo e alguns dos presos semelhantes a ventoinhas andavam em círculo Não lhes víamos a cabeça apenas o tronco e seus ramos apodrecidos Estavam todos vestidos de azul como quem se veste para a primeira comunhão de grupo e eram anjos de interior supusemos Havia um coral no meio deles que discursava acerca da verdadeira fé

As ondas deslizavam no horizonte vendo-se o topo de um mastro incendiado a bordo de um veleiro fantasma cercado por montanhas de água paralisadas em quadro neo-realista dum pintor cego

Só havia vinho velho e nenhuma mulher

Assim não vale a pena sonhar

Acordemos então

A hortênsia

Em silêncio –

Teme ser podada

A igreja
Já não tem sino
Não tem altar
Santos
Caixas de esmolas
Telhado

Uma velhinha
Corcunda
Reza sentada
Em banco improvisado
Como se ali estivesse
Nosso Senhor

Uma rajada
Verga a haste florida –
Agarrada uma cigarra

A minha sombra
Na noite profunda

Sou eu
Que sombreio

Ou é a sombra
Que me nomeia?

A minha voz ao vento –
É vento
Ou o meu eco?

São teus olhos verdes
Senhora
Que me fazem
Ter de Amor tanta sede
E na vida ir mais Além

Não fora a sua cor
Ora verde ora azul
Em face branda em flor
Já me teria ido para Sul
Onde abunda o calor

Para que sofrer me não visses
Em rocha agreste acoitado
Nos seios de outra mulher
Quando por ti rejeitado

Porque quem deveras ama
Olhar tão delicado
Outro Inverno não há-de querer

Chove na charneca

Parto

Como Fumo Branco

A dor de cabeça que me não abandona paira no ar e esmaga os pensamentos com seus braços férreos As visões permanecem em ziguezague contínuo turbilhões de imagens novas O sossego nu do corpo na cobertura de guarda ao rio hoje mascarado de cinzento contrasta com a quase insuportável pressão da Besta na nuca Não suporto o riso dos idiotas a esperteza macabra dos trapaceiros a mentira dos burlões os tostões dos charlatões a estrangular os simples O planeta estanca estala fende-se pelo meio corrompido e coroadado de demónios Dói este cansaço e esta dor a quem se não decida pelo veneno em taça de prata O Inferno salta festivo em toda a parte Abominável com crostas ósseas virulentas Um homem-de-sete-cabeças percorre as ruas subterrâneas da cidade queimada a enxofre De rastos os seus iguais imploram nas preces falsas e submersas o perdão de terem nascido pecaminosos
Eles causa negra e directa da misantropia

No Outono
Ramos secos em cruz
Filtram a luz

Ribeira das Aldeias
No Verão

Descalço os sapatos
Descanso os pés

Enquanto uma rã salta
Para a meia branca

Que espanto

Saudade –
Com os sapatos na mão
Jogo à bola

Um ramo seco
Folhas rubras

No castanheiro dormente
Um corvo descansa

No lameiro
Um enxada gasta

Um ancião
Dormita à sombra
Dum sobreiro –
Calor árido de Verão

A tua vida
Tia adorada
Foi uma luz
Continuada
Na terra e no Céu
Ainda e sempre
Acesa
Um relâmpago sem fim
Minha tia
Maria do Céu

Há vozes

Que ninguém ouve –
Ouve-as a morte
Atenta

No velório
Cá fora
Canta uma cigarra –
Canta a Morte

Quando a Primavera se vai
Os campos não cantam mais
E choram aves
Peixes
Todos os animais

O perfume varre o ar
Percorre a terra húmida –
Camélia em flor

Que esbelto o teu rosto
Como nunca outro vi em ninguém
Belo macio meigo afável
Doce sorriso diáfano celestial

Por muito que o procure
Não o vejo em parte alguma
Porque no mundo não há
Desejo que ao meu se iguale

De não te ver desespero
O coração em lume incandescente
A saudade a devorar a alma

Se Beleza como a tua
Por muito que corra não encontro
Que em mim o amor morra

Uma cerejeira em flor
Tem perfume
E som também

Cornetas tocai Cinco notas cantam momentos de sol
bastantes para iniciar a marcha
Cuidado Os morteiros os canhões a cobardia dos varões
destinados às medalhas de oiro vermelhas papais

As moscas de vinte patas pousadas na mesa morta
anunciam a chegada de novos cadáveres juvenis lívidos
Pombas de reino cinzento ceifadas
Que tudo esteja feliz e contente Eles morreram jovens e
belos
Nós vamos morrer amanhã
Se Deus quiser
Se Deus quiser

Uma gota de orvalho
Na orelha do cão adormecido –
Como está velho o meu amigo

Primeiros dias de Outono
Na rua fria e deserta
Pobres diabos ao abandono

O Amor mata
Não a quem se deixa matar
Mas a quem não quer morrer

Se os teus olhos tivesse
Se os pudesse sempre ter

Quer na vida quer na morte

Na morte não morreria
E com olhar assim tão terno
Para sempre viveria

Nesse Amor eterno
Que quanto mais calado
Mais Vivo se tornaria

Primeiro dia de neve –
Na serra
Vergam os pinheiros
Enquanto eu salto
Alegremente

Ali
Na favela

Eu
Ladrões e

Gente séria
Sob o mesmo telhado
Zincado

Com as estrelas a espreitar
Pelos buracos

No limoeiro
Canta o rouxinol
Sem saber para quem

Um aperto nos pulmões lavados pela nicotina das horas
desertas
A certeza de que o teu córrego corre na direcção do
remanso
Pode dizer-se ou diz-se podendo ou não saber-se o que se
diz que a intuição não sendo absoluta nada à superfície
das dores de sangue E eu sei que travas campanha em
nova vereda julgando que no beco de paredes
amortecidas existe a Terra Prometida
Fico-me
Aqui
Como sempre
Liberto da ilusão
Por ti
Anunciada
Não levanto o auscultador gasto de palavras aquecidas
pelas verdades relativas dos viajantes estelares Aguardo
que o sono se arraste pelo colchão sem lençóis e pelo
ruído dos aviões que no alto piscam luzes saudosas
Os barulhos distintos sucedem-se no asfalto remendado
por bandeiras de carne humana apodrecida às chuvadas
intensas de Verão e aos temporais
A Lua sobe pelas estrelas
Uma a uma
Sóbria

Cuidadosa
Tu já não vens
Adormeço no regaço da solidão
E beijo o meu próprio corpo

No quarto
O Inverno
Faz-me companhia

Traz a adaga
Confio-te meu braço
E a minha alma
Para que faças morrer

Os fantasmas de Satanás
Nas trevas do poder
E nos livres deste langor
Antes que gele e vente

Ou à flor da pele
Raiva e ódio adormeçam
E por vingar fique
Esta pobre gente

Que morre à fome
E à sede desmaia
Em abandono
Permanente

Pirilampo –
Luz a cada pulsação
Do meu coração

Cortinados verdes
Cadeiras azuis
Entroncamento
Um jovem militar
Um cigarro escondido
Nas horas infindáveis
Da viagem nocturna
Nas janelas
Vê-se de dentro
Para dentro
O interior
Passam luzes
No exterior
Brancas
Amarelas
Luzes anónimas
Como os corpos sonolentos
Sentados nos assentos

No tanque de granito
Flutuam rãs
Entre os limos

Hoje
À minha volta
Não há nada
Que não seja novo
E inocente –
Dia fantástico

A lareira acesa
Paus em brasa
Lá fora o boneco de neve
Derrete

Ouve-me Maria
(todas as mulheres são Marias e todos os homens Josés)
Não vás
Não te percas
Não desafies o Destino
Não deixes de ser quem és

A estrada silente
Padece de perigo
Se o Amor está ausente
E o amante ferido

Não te vás Maria
Que fico a padecer
E tu te deitas a perder

Não te vás
Fica
Sê
Como toda a gente
Diz que o é
Sem o ser
Honrada
Virgem
A Deus temente

Não te vás
Que eu morro de medo
Ao pensar
Em te perder

Inverno –
Chuva torrencial
Pássaro sem abrigo
Alma sem chapéu

A beleza da neve
No telhado
Ofusca o gato

Noite entrada
Melancias ao luar

Rapazes
Raparigas

Em cestas e braços
Quantas poderemos levar

Na face da minha mão
Um grilo –
Que ternura

A névoa dissipava-se lentamente no espelho da Casa Grande do outeiro Ela dormia indiferente à Primavera e às ameixieiras em flor
Para quê despertar com o vento azul matinal carregado de orvalho se ninguém vem acariciar o seu corpo quente?

O pastor assobia
Tudo volta ao habitual –
Rebanho a ser rebanho

Sem pressas
O velho sobe ao telhado
Com as calças descosidas no rabo

A noite
Mergulhou
No silêncio
Das sombras
Vivas

O sino tange
Cai a noite
Com as suas sombras

Penso
Quem me dera ser pobre
Viver num casebre
Na floresta
Lado a lado
Com o lobo e com o veado
Livre de obrigações
De ladrões
Do Estado

A Primavera findou
Sem aviso –
Nenhuma flor restou

Partir
Para onde?
Apenas
Ir dum lugar
Para outro
Voltar
Ir e vir
Vir e ir

A gata da Dores
Espreita ao canto
Do adro

Chama-a
Ignora-a

Com cio
Sem dono
Mira a Lua

Domingo soalheiro
Gente que sobe a avenida
Gente que desce –
Quem são?
Donde vêm para onde vão?

Um pito
Na mesma cadeira
Nas mesmas pernas
Da esplanada

Sentia falta da flor no meio do relvado quebrado em
minúsculas partículas verdes
As nuvens corriam com seus dedos de sombra no dia em
que os mortos deveriam regressar armados de malas
desfeitas em pedaços de cartão amarelo Com as mangas
arregaçadas soluçando palavras a arder em desejo
Desejo morto ao luar através das árvores despidas como
rameiras

Nem a borboleta
Parece querer ficar
Neste país de treta

Inverno frio –
Raios de sol
Descongelam os ossos

A Lua
Foi condenada
À solidão

Abandonada
Só os amantes

Lhe estendem a mão

Um rato passeia-se
No tecto de madeira

Pata aqui pata ali
Sem eira nem beira

Mesmo assim
Não me deixa adormecer

Campos secos
Uma silhueta no Poente –
Alma morta ou doente

Triste pescador
Que o nome do Amor repetes
Às algas incandescentes

Numa nesga de céu
Solitária a Polar
Aponta-te o caminho da amada

Queimados os ramos
A cinza espalhada
No corpo amarrotado

Nada no porão
Da barcaça derramada
Nas ondas da manhã em floração

Hoje Lua Cheia
No moinho
E eu sozinho

Olha-me
Nesse teu olhar
De luz radiante
Enquanto lembro
O beijo
Que a boca me tingiu
De oiro e prata
E o cheiro
Da laranjeira em flor
A pouco e pouco
Se desprende
Das minhas faces
Pelas tuas toçadas

Chegou o tempo frio
A cama

No quarto pequeno
Exala do gelo
O aroma

O Sol ainda adolescente
Espreita
Teu colo resplandecente
Trememente

Sigo uma estrela no céu
Vejo a geada crescer
Aqueço
Nos lençóis frígidos

À Florbela Espanca

Chove
Já é Outono
Os campos tingem-se de canela

Uma fotografia
Antiga
A sépia do tempo
A Dela

Nunca te vi
Não te conheci
Apenas o que escreveste
Ávido li

E voltei a ler
(quantas vezes te reli)
E a cada nova leitura
No medo da noite profunda e escura
Adormeci em tua Alma rubra

Com vívida fotografia
A meu lado deitada

Nasci
Não recordo
Mas devo ter nascido

Tu morreste
Antes de eu ser gente

Agora
Olho-te
A face branca
Olhar penetrante
O colar pendente
A fina mão
Em macia invocação
Súplica
De coração em chama
Lábios doados
À Paixão
Em vida ausente

Como te quero
Alma que meu peito encerra
Em túmulo eterno
Diz-me de tua voz
Que o Amor vivo
Que ofereces
Tão real tão ardente
A mim me pertence

Como te quis como te quero

Nos dias em que a Dor me fustiga
Sinto a tua presença
E almejo Amada
Um Amor divino
Tão forte como a própria Morte
E se porventura acharem que louco estou
De irremediável loucura

Direi –
Sim estou
Louco de tanto te amar
Louco de Amor

Olho-te com ternura
Vivo em ti dentro de mim
Apaixonadamente
E se alguém
Alguma vez disser
Que se não pode
Que é impossível
Amar assim tão perdidamente
Morta que se não conhece
Mente certamente
E se não mente
É porque já nada sente

Rio indómito
Corrente gélida
A beijar as pedras roladas
A luta das águas
E nem uma truta
Uma truta sequer
Nesta manhã fria de Inverno

Ouve rio
Que arrastas tu
Na tua correnteza?

A Beleza
Que sempre muda
E nunca é a mesma?

Ou a Morte cruel e amarga
Alheia à dor
E à saudade do Amor?

A Primavera
Sem pressa
Caminha nas urgueiras
Nas giestais de branca flor
Nas pinhas sonâmbulas dos pinhais
Dando voz aos chapins
E aos pardais

O Sol
Na relva fresca
E eu
De costas voltadas
Para a balança
Ferruginosa
Mal aferida
Asquerosa e infecta
Da justiça

Passo
Como quem não vê
Nem olha
À porta da igreja

Continuo
Em larga passada
Em longa caminhada
E para lá das luzes da aldeia
Entro na noite estrelada

Amanhã
Presente à justiça dos homens –
Hoje o dia parece não ter fim

Água da fonte
Tão pura e cristalina

Nela bebem patrões e senhores
Desalmados

Os cavadores
Cansados

Pobres e ricos
Cães de raça com donos

Rafeiros
Abandonados

Nessa fonte santa
Todos nós bebemos

À noite
Pela janela
Olho a Estrada de Santiago
No céu estrelado

Pasmo
E pergunto-me
Quantas almas prateadas
Por ali irão
Em deleitosa
Procissão

Pegada após pegada
No extenso areal
A morte chamava
O velho pescador
Solitário ao largo
Em estreito batel
No mar cavado

A vida –
Vasto rio
Sem ponte

Na margem –
Caminho sem destino
Sem Oceano à vista

Sentara-se na proa a alisar as barbas malhadas de branco
e entrançadas pelo descuido de quem desperta sem
querer despertar
Uma gaivota esquelética rondava o pontão de Sueste em
arcos defectivos com asas descompassadas na cadência
nativa do nascimento da terra
O mar não o via
Com a clareza súbita
De predador avezado
Ao sangue da superfície
Olhos extenuados de tanto olhar
Não ousava aterrar
As adriças açoitavam os mastros despídos
Madeiro alto de súplica
Corroído de sal
Ruído de címbalos decadentes desarmónicos
A anunciar a missa de fim de tarde
Os dias corriam lesto naquela manhã cruenta apeada do
seu cargo natural
O sémen esgotado por noites doridas anojadas no leme
calejado por mãos de dedos cortantes aceirados pela

ferócia das vagas cruzadas encapeladas dos Cabos que
resguardara nas navegações sem rumo de agulha de
marear fosca e imperscrutável
Afastara-se das pontas de terra que penetram as águas
Das escarpas das costas até à invisibilidade dos
pormenores e dos pontos conspícuos
Arredara-se para a segurança das águas profundas que
por benevolência aumentam a distância das poupas das
ondas penteadas em cume de montanha submissa onde o
coração pulsa lento e pacífico
Longe da rota dos grandes cargueiros
E dos monstros oceânicos
Não podia dispor do Destino
Os seus passos milagrosos no espelho das águas azul-
celeste e o ponto marcado na carta amarelecida pelo
tempo ignoto e pelo salitre não eram seus
Não poderia dispor do Acaso
O vento leve e falso fazia abater a embarcação que rolava
e que seria o seu catre e esquife
Deixava-a ir a correr com o tempo maldito
De nada lhe serviria contraverter o querer do mar
arrebatado em fúria
Mar-mulher Mar-pai Mar-filho
Mar-tudo
Sem ansiedade olhava os limites do futuro
A incerteza dos passos marítimos a tocar as nuvens
brancas e luminosas das ondas a jorrar
Deixou-se embalar pelo movimento enternecedor
desfrutando voluptuoso o medo desse momento mágico
Sabedoria de azul cromada à deriva
O amanhã poderia ser um túmulo perene nas amorosas
águas do largo
Na bonança do serpeado contraído
E surdo

Hoje o céu
Está tão branco
Tão amoroso
Parecendo leite
Doado por mãe
A pobre filho alheio

Fogo de artifício
No mar

À vela
Por clarões iluminado
Espreito o luar

Nuvens no cume da Serra
Pousadas nos arvoredos baixos
Nas fragas nos penedos
Flagelados pela neve

Passo pelo seu coração
Já vejo céu e sol
E voo leve
No seu dorso
Em assento de cristais de gelo

Azrael veio
Azrael sem hesitação
Levou-o ao Abismo

Cesto cheio de políticos

Há noites sem fim
Onde as estrelas choram
A solidão

Lágrimas cadentes
De quem ama
E amada não será

Casas velhas amontoadas em cal e tintas coloridas
desbotadas pelo sol e pela chuva
Lá dentro um naco de pão
E a esperança do Paraíso

A névoa
Beija o vale deserto

Acaricia o meu corpo
Amacia minhas mãos gretadas
Pelo suor ácido da Saudade
Do que em tempos foi
E morto está

Ele
A quem agora chamam
Vale das Lobas

Solidão –
As sombras descem
Ao quarto de hotel

Garças
Nos campos semeados a verde

Ali tão perto
A ria passa em leito incerto

As nuvens fogem
Nós em viagem

As garças ficam
Coladas à paisagem

Não posso dizer qual das duas quero Tanto quero a uma
quanto à outra
O mundo corre depressa para o amante que está longe de
todas as flores perfumadas pelo vento

O vento fala e
A sua voz
É a da saudade
Que lhe corre na alma

Vem brisa
Da terra
Enfuna as velas

A grande bate
Arriba
A Genoa faz barriga
Caça

Proa a cavalo no vento
Perco o pensamento
Em unidade com o movimento

Vento Terra Mar

Não tinha ninguém mas parecia ter toda a gente
Suportava heróico a solidão encurralado no átrio do
Palácio das Mil e Uma Vozes O luar brilhava nas paredes
do silêncio com testa de marfim A ramagem da árvore do
Acaso penetrava sorrateira nas duas janelas opacas de
arte contemporânea As aves descuidadas faziam as
necessidades nas telhas do vigamento e do ripado sem
telhado

Era um lugar secreto
Para um Homem só na multidão

Cama doirada
Um corpo branco

Crisântemo
Em corpo de mulher
Reencarnado

Não sabia
Nem sei
Como lhe havia ou hei-de dizer
O que sinto o que sou o que desejo

Tão jovem

Rebento de árvore celeste
A emergir do mais profundo azul
Com os sonhos mortos de amor
A navegarem soltos no corpo
Ao destino de um beijo alheio

Tão jovem
No olhar melancólico
De pedra talhada no deserto
A oscilar
Entre os meus olhos brandos
E os arbustos acesos da colina

Boca fina
De ninguém
Lábios que muito quero
Que lhe não peço
E não sei
Se lhos hei-de pedir ou não

Galgo a corrente de maré
Vagarosamente

Ao longe
Na margem
Mãos que acenam

Quem serão?
Que importa
Saudemo-nos

De manhã
Ao acordar
Questionava-se ensonado –
Quem sou
Donde vim?

À noite
Ao deitar
Perguntava-se cansado –
Para onde vou

Caminho com o Destino
De mãos dadas
Com a felicidade do dia
Morte do sofrimento passado
Sem saber ao certo
Donde venho
Ou se sou eu que venho
Ou um qualquer espectro sombreado a bronze
Companheiro deste Outono ligeiramente matizado
De prazer e dor
Desespero e esperança
Ódio e Amor

Nada há como a Primavera florida
A cantar humilde e deslumbrante
No bosque calmo e natural

Que vibra submisso
Ao simples encanto
De uma única flor colorida

Teatro nocturno –
No telhado
Gatos brincam ao amor

Às vezes em dias mais cinzentos que o próprio cinzento
detesto este mundo Mas nem sempre
Quando o detesto não penso em suicidar-me penso que
deveria ser só para mim e que quando eu morrer não
deve continuar

Decido-me a olhar-te
Já te havia chamado à minha solidão
O meu desejo é seguir
Seguir sempre
Na viagem do próximo horizonte
Onde reino após reino
Bocas de mulheres
Me aguardam pacientemente

Um álbum de fotografias
A preto e branco

Eu tinha os cabelos loiros
Encaracolados

Meu pai ainda jovem
Cotovelo apoiado
Na perna suspensa em muro caiado
O rosto apoiado nos longos dedos
Príncipe encantado

Minha mãe
Magra loira linda
Beleza profunda
Em longo vestido cintado
Sorriso do mundo o mais belo

E agora
Eu Deus meu
Neste sufoco neste aperto
Envelheço
A branco e preto
E morro

Um calor insuportável
No hotel –
Até os cães suam

Os grilos
E seu cri-cri

Cri-cri cri-cri
Ao anoitecer

Nas alfaces nas couves
Cri-cri

Cri-cri cri-cri
Até ao amanhecer

Nas hortas
Aqui e ali

À Tia Cândida

Hora de vindima
Fruto espezinhado
No grande lagar de granito

Os mesmos pés que a vida pisa
Pisam agora os cachos
Com carinho

E tu
Minha tia
Minha mãe

Que da terra cuidaste
Como quem de criança cuida
Às agruras do tempo sujeita

Tão velhinha
Ausente
Desta tua Criação

O mar rasgou-se
Há rajadas de alegria
Na magia incomensurável
Provocada pelo firmamento
Em movimento circular

As estrelas escrevem poemas
Cadáveres esquisitos
Orgasmos a residir na glória do relógio inerte
Da Casa dos Vivos e dos Mortos

Prémio
Ou
Castigo

As marés vivas sem nome
Arrastam para a areia
Longas cabeleiras entrançadas
Brilhantes obscuros de quem ignorou os auspícios
proféticos de mestre Antão
Para uns santo
Para outros charlatão

Recitava em silêncio uma oração
Sentado nas ervas da orla do campo cultivado
Lado a lado com flores silvestres

Sonolento
Preparava-se para dormir ao vento
Garrafão de vinho novo ao lado
Por abrir

Era cedo para beber
Dos deuses a bebida
Deles preferida
E de si única amiga

A aldeia dormia ofegante
Entre postes de madeira

O galo ainda não cantara

Numa janela espalha-se uma luz
Alguém se prepara
Para mais um dia
De miséria

Nas noites quentes
Os grilos nascem
Na horta do pátio

Amo-te
Velha oliveira
Retorcida enrugada
De braços abertos ao destino

Por meu falecido pai plantada
Também por ele amada

E tu
Meu filho
Quando eu fechar os olhos
Nessa noite de breu
Ama-a como teu avô a amou
Ama-a como eu

O Mar
A Serra
A Mulher

Nas páginas abertas do meu coração
Impávidas
Plácidas como noites de Verão
Estão escritos os vossos nomes

Ondas ligeiras cruzadas
Azul ultramarino e espuma alva
A adornar o navio

O cume aceso
Pinheiro silvestre alecrim rosmaninho
Cobertos de neve e gelo

Cabelos entrançados
A oiro e lírios ornados

Bocas rosa de meus pecados

Sois vós
Os meus únicos vícios

O Paraíso à noite
É iluminado
Por pirilampos

Existem Ilhas
Ilhas onde não há gente

Ilhas despovoadas
Selvagens

Civilizadas
Pelo vento quente de África

Adormecera
Na calma
Das águas plácidas
Da baía de Benguela

Sonho rasgado de saudade
Do agora velho soldado
Das terras de África ausente

À sua frente
No areal
A sua negra
Dentes alvos
Peitos hirtos e redondos
Olhos rasgados
Sorria-lhe amorosa
Dolente
Languescente

Desperta envelhecido
Esfuma-se a nítida aparição
Na face uma lágrima mordente

Se soubesse que sonhava
Nunca teria acordado

E a negra ainda na praia presente

Um insecto zumbe –
Muitos gestos
Para duas mãos

Voltara a ouvir a Voz

Clamava na noite dos espectros azulados acompanhada
do rufar de mil tambores

Não te acorrentes a nada
A âncora é da palamenta a escrava das grades

Levanta ferro
Para Oeste

Nunca olhes para trás

O Oceano é o teu Destino
Naufrago Errante

A erva morta
Agita-se à brisa
Que varre as faces da terra

Um rouxinol canta
Entre pingos de chuva
E raios de frio sol

Anoitece mais cedo
As estrelas não aparecem
E os teus lábios escurecem

As folhas das árvores
São as cartas de amor
Que nunca escreveste

O manequim da montra
Da rua dos Fanqueiros
Está quedo
Em soberbo fato

Cá fora em tom ligeiro
Tamborilando a cabeça descoberta dos passantes
Excedentes do emprego sem trabalho
Um breve aguaceiro

Uma lontra loira
Escorrega súbito
No passeio
Enquanto um careca
Protege a cabeça
Com um jornal enrolado

À porta da loja
Um vendedor baixo
Gorducho
Bem vestido
Engravatado
Alheio à vida
(não aos dinheiros)
Chama-nos –
Entre Senhor
Preços de crise
Aqui há sempre saldos

Quem não herdou
Ou roubou
Se de justo trabalho viver
(ou da esmola de alguém)
Nunca há-de enriquecer

Mas se for jovem mulher
De perfeitas linhas desenhada
E com velhos se deitar
Logo se verá logo se verá

A claridade da aurora servida numa taça de noite dormida
em perfume de loucura
Na abóbada os astros já não se movem e o rio urinado
pelos embriagados desagua no oceano o lixo humano que
cambaleante e aceso de pó vagueara pelas ruas da cidade
em busca de uma cama acompanhada
Os vagabundos da noite tropeçam nos seus próprios
passos nas fêmeas com o cio nascido do tédio e da
habituação São jovens Alguns mais velhos mas ainda com
t....
Todos unidos no marasmo do sexo experimental

É tão triste o desamor
No bolorento poente da vida
Em passos de mistério escondido

Na tarde de oiro
Palpita vagueando
De mão em mão
O velho coração de corda

É tão triste envelhecer
A mendigar com o olhar

A visão do Amor e do Mar

Anda o luar de aldeia em aldeia
Boca de luz prateada

Varre eiras
Verdes lameiros
Charnecas
Penedias
Vinhedos
Pinheirais
Vales e serras

Busca uma boca
Vermelha de mulher
Cansado de beijar a terra

Era a moça mais bela do povoado
Tinha asas desejos cabelos doirados
Não voava e os cabelos entrançava
Porque lhe diziam
Que amar era pecado

Não me culpo a mim
Não te culpo a ti
Não vos culpo a vós
Dos pecados que cometi

A minha
A vossa
Qualquer voz
A que na minha alma ouvi

No fim
Haverá castigo ou perdão
Inferno
Compaixão?

Talvez haja talvez não

E se a houver
(ela a compaixão)
Se Ele a tem
Na concórdia do erro
Com a divina justiça
A Misericórdia hei-de alcançar
Daquele que o mal
Não distingue do bem

Risos de criança
Abrem-se
Nas sombras das árvores
Recordando
As vigílias de fé
Torturante
Da idade das pedras
Ruivas
Sem nome

Pertencem
A uma instituição
Onde os orçamentos
São gastos
Em pó negro
Montes de areia
Uivantes
A clamar por corações
Sedentos de rosas
E frutos sinistros
Na luz de lanterna sombria
Espoliados

Afinal quem é ladrão
Dirigentes governantes
Que estão fora de grades
Ou os que estão na prisão?

Uma voz betumada
Sobressai
Esganiçada
Cana rachada
Nas gengivas em sangue
Escuro e agravado
Por aderências
Asquerosas
Seculares

E a voz absorvia
Os sorrisos inocentes

Só a Liberdade e o Amor me prendem à vida

Poesia Pintura Música naturais extensões a enlaçar os meus braços ensanguentados pelo torpor inumano dos miseráveis de espírito

Abro um livro pouco lido do Poeta

Leio

Quem não quiser sofrer que se isole

Feche as portas quanto possível à luz do convívio

O convívio pardo filamentosos do arco de poeira negra de comerciantes industriais políticos e de tantos outros anormais deste mundo

Amantes do dinheiro

Prostitutas da riqueza e do poder

Falsos

Volúveis

Fungíveis

Espíritos imundos de consciência leve

Que o Diabo os carregue

O amor sempre termina numa noite longa de luar

Corpos celestes em brasa

Na despedida

Cobrindo as cinzas do passado

O vento cai na cama vazia Há luzes débeis no corredor antigo de tabique Os passos leves e ponderados passeiam-no em todos os quadrantes da alma Range o soalho gemente Os olhos da mulher do quadro espreitam a insónia da vontade que se alonga às praias distantes

imersas na nostalgia de Outono Há pedaços de corpos
objectos mutilados e a podridão da carne suavemente
depositados na areia molhada de volúpia
O vento veio Ela não

Não sei se os teus lábios
Nos meus colados
São sonho ou realidade
De quem pensa

Se são sonho
Que não desperte
Se realidade
Que o sono me não vença

Tinha no rosto o orvalho das lágrimas
Vertidas na alma geada do vale

A Lua viaja no céu vazio Há pirilampos suspensos nas
sombras Uma lareira com paus de pinho crepita no abrigo
da montanha Há mantas desfeitas enroladas nos corpos
sofridos de dois mendigos esfarrapados pela neve e pelo
temporal Uma côdea de pão verde de mão em mão O

lume arrefece Um dos pobres velhos adormece Não sonha
O outro mais novo de longas barbas proféticas espreita
pelo janelo a morte da luz a arrojá-la pelas pedras
fúnebres do cemitério
Se morresse não teria frio
A morte é sempre quente

Será que o meu corpo existe?
No teu esquecimento de mim
Poderá ele existir?

O cabelo em desalinho da caminhada À porta da
estalagem o Cocheiro do Inferno impassível sereno
indiferente Seria a sua última viagem do dia maculado por
torturas animais
Estava frio
Mas não tremia
Habitado que estava ao calor equatorial e aos gelos do
ártico
Levá-la-ia
Uma estridente facada no coração
Desferida por cliente
Ocasional
Demente
Como todos nós

A ti te escolho
Corpo e alma na lonjura
Recordação constante

Tu a que estás perto
E não desejo
Para ti guardo o esquecimento

Humilhado nas colinas desertas Flagelado desde tempos
ancestrais nos flancos do seu reinado
Demorara-se nas estrelas
Pingos orvalhados de luz a marcar compasso na
composição celeste
As árvores olhavam-no com os olhos semicerrados
enquanto a Lua deambulava quente
As rochas ardiam na confissão que às pacíficas nuvens
faziam

Jovem rei de verso imperfeito a dividir afectos aos ventos
do serão das noites frias de Verão
O ar fresco corria-lhe nas artérias Implacável era a chuva
a tingir a terra de vermelho
Depôs a espada do ódio vencido pelos nevões amenos do
poema
Viajou nu
Bateu às portas de todas as cidades com as lágrimas
escondidas Nenhuma se lhe abriu
As pedras eram a sua leitura os trovões a lamparina e os
seus ossos molhados a certeza da viagem no coração dos
pássaros a rastejar no chão do espaço

Houvesse um deus e deixar-se-ia levar

Um promontório onde ficar
Asas para voar
Incerto no rumo triste do caminhar dos lábios a sangrar
beijos

Os pinheiros sempre verdes
Contorcem-se no vendaval

Acenam-me com as suas mãos coloridas
Chamam-me Vem

Para sentir o que sentem
Quando se suporta um temporal

Nem sempre sinto saudades
Dos dias felizes
Corridos à tona de água

Quando as sinto
Fico triste como criança
Sem ninguém para brincar

Quando as não sinto
Mergulho em ácida melancolia
Em mundo que enfada

Quando o amor acaba
Esse amor terno e vero
Rasga a escuridão do céu
Que o mar sangra
E faz sangrar o meu coração

Amei-te
Em sonho
Amei-te
Por toda a noite
Em dia
Já passado

Não sei
Se no sono
Te amei
Se foi na realidade
Que contigo
Privei

O sonho
E a realidade
Existem
E não existem
Mas o Amor
É sempre verdade

As noites de Inverno
São tão longas e frias
A menos que se faça amor

O lírio do campo inclina-se sóbrio ao pinheiro nascido da
rocha salteada de emoções e com as velhas raízes
expostas na margem da lagoa seca
Um rio de lágrimas escorre da tua sombra que junto a
mim alimenta corrente de tormentos pelo carreiro
adventício das orquídeas selvagens
Na ramagem do amor que acaba em escuridão

Partiste
Amiga
Amada
Flor da Criação

Um lenço
A dizer adeus
Uma mão
A chorar
Olhos rasos
De sangue fresco

Partiste
Voltarás?
Eu fico
Eu aguardo

Tu foste a primeira
Serás a derradeira

No compêndio escolar um beija-flor
À porta do bar
Um pinga-amor

Cantai raparigas
Cantai
Essa triste canção
Que um poeta
À morte escreveu

Dai-lhe vida
Dai-lhe a voz
Da mocidade e da alegria
Que o poeta está morto de vivo
E a morte não morreu

Acenai vossos lenços
Vossos braços
Vossa mão branca
Erguei vossos olhos
Às estrelas vosso cantar

Graciosas
Dai-lhe a vida
Que não viveu

Folhas caem no pântano em Tróia
Cadmó à pressa se vestiu no sono profundo
Oh pára de falar dessas mãos de vento com quem
conviveremos chegada a hora
As plantas altas de seda verde corroem os nenúfares dos
cumes desertificados na manhã orgulhosa de bico
pontiagudo
Os espíritos planam nas vias estranhas dos resgates das
determinações lamacentas e inefáveis
E nós estamos aqui a reinventar a vida
Afáveis como vermes

Presas
A agonia
Os pombos
Voam

Nas sentenças
Se reconhece
O poder
Dos usurpadores

Com a morte
Diante deles
À beira da última
Embriaguez

As cabras

Apascentam-se
Nos cérebros
Transparentes

Tu pobre criatura Que sabes tu? Que o céu é azul e o mar
salgado Os átomos tão pequenos que os não podes ver A
terra ora castanha ora verde é quem te alimenta e quem
te há-de comer Que há guerra e paz ódio e amor fartura e
fome alegria melancolia dor e tédio a cada amanhecer
Que sabes tu dos mistérios por conhecer?
Sabes agora o que saberás ao morrer

Cai o véu da noite na folha escrita de amor Nela escrevera
o nome Dela
Olhos tristes como pétalas pendentes e folhas caídas
O amor tantas vezes jurado de mãos apertadas e febris
era agora jóia furtada
Nascera quando a conheceu
Morria porque a perdia
Vendo que a não via
O vento cortante
O tempo quente frio
A clepsidra vazia
No beijo que se nega e não se quer
Fogo de amor nela extinto
Morria porque a não via
Mesmo sabendo
Avisado
Que no coração de uma mulher

Quer se queira quer não
Há sempre um qualquer homem
A ocupar o lugar
Por outro homem antes ocupado

As tuas palavras ferem
São chamas que abrasam
Fogo que arde sem arder

As tuas palavras mentem
São cinzas que nas ondas vagueiam
E ao mar fazem doer

Os teus olhos matam
Ao mais furtivo olhar
Sem remorso ou piedade

E se assim destroçam
A minha ânsia de amar
Que finde já a saudade

Mundo estranho onde vingam os demónios enriquecem os
ladrões com colarinhos brancos engomados patrões e
outros diabos sem que sejam castigados
Quis ser como eles Enganei mulheres Furtei corações Os
de minha raça maltratei Assim pensei receber a
recompensa aos ladrões destinada num mundo virado ao
avesso

Mas como a ti Luís Vaz de Camões Deus me castigou de tanta maldade e num mundo tão mal ordenado também para mim anda concertado

Costumava sentar-se nas rochas passajadas e batidas por golpes de mar Umas vezes tão terno Floco de neve nas mãos da criança marítima Outras violento soldado com a mão direita a tremer o gatilho da morte Só custa matar a primeira vez A partir daí matar e ver morrer a quem não se quer é tão normal e arrepiante como amar corpo que se não conhece

Parecia estar cansado da vida dos homens na marina-passadeira de pernas sapatos roupas de marca e sorrisos elegantes e asnáticos Raramente os olhava e quando olhava o seu olhar atravessava carne vísceras e ossos fixando-se num além indecifrável

Via-o do meu veleiro quando nas noites de luar preparava o aparelho para soltar as amarras da mente na vastidão das águas pintadas de escuro azul

O seu rosto era sempre o mesmo Rugas torneadas pelo sol da angústia leitosa Pouco lhe importava a ferida que o meu pesado patilhão abria no coração do mar fazendo-o sangrar As minhas velas lembravam-lhe as asas duma gaivota esfomeada

Nunca quis partilhar uma viagem ao mar profundo O seu olhar circular envolvia todos os oceanos com seus cabos tormentosos temporais e calmarias

Horn e Boa Esperança

Hoje não o vi

Dizem-me que morreu

O último dos Navegantes de Sonho

Reduzido a cinzas

Sepultado no horizonte do seu olhar

Ouve se me ouves

Partirei do teu lugar

Mas não morrerei em terra
Morrerei no Mar
E de todos vós
Que amo e amei
Vosso nome
A maiúsculas escrito
Na areia deixarei

OUTUBRO DE 2011

JOSÉ MARIA ALVES

www.homeoesp.org

www.josemariaalves.blogspot.com